



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO JOÃO DEL-
REI – UFSJ**
Departamento de Geociências - DEGEO

**A cultura afro-brasileira no distrito do Rio das Mortes–MG: O congado –
um elo entre o passado e o presente**

SÃO JOÃO DEL-REI
2017

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO JOÃO DEL-REI – UFSJ
Departamento de Geociências - DEGEO

Rubens Silva Lisboa

**A cultura afro-brasileira no distrito do Rio das Mortes–MG: O congado –
um elo entre o passado e o presente**

**Trabalho de conclusão de curso apresentado à
Coordenadoria do Curso de Geografia da
Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ),
como requisito parcial para obtenção do grau de
Bacharel em Geografia**

Orientador: Prof. Dr. Thiago Araújo Santos

SÃO JOÃO DEL-REI
JUNHO/2017

AGRADECIMENTOS

À minha família, porque se não fosse por ela eu não teria chegado aqui nesse momento. Em especial meus queridos pais, pelo incentivo, confiança e ajudas ao longo dessa caminhada.

Aos meus caríssimos professores da graduação, que marcaram minha trajetória acadêmica. Obrigada pelo apoio, pelos incentivos e orientações ao longo dessa caminhada.

Aos companheiros de estudo do Congado, Simone e Daniel que tanto contribuiu no meu primeiro contato com o Grupo do Congado de Nossa Senhora do Rosário do Rio das Mortes.

A todos os meus amigos e colegas da graduação, que me proporcionaram momentos especiais, de muita alegria e aprendizagem ao longo desses anos. Não vou citar ninguém para não ser injusto, mas todos sabem de suas contribuições ao longo dessa etapa.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Thiago Araújo Santos, por acreditar que era possível a realização deste trabalho, pelas suas contribuições no decorrer da pesquisa, seus conselhos, sua presença nos trabalhos de campo realizados, não medindo esforços para ajudar no que fosse necessário.

Em especial o meu agradecimento aos congadeiros do Rio das Mortes, que com sua devoção em Nossa Senhora do Rosário, abriram suas casas com muito carinho para nos receber, disponibilizando o seu tempo e seus conhecimentos congadeiros, que tanto contribuiu para a realização deste trabalho.

RESUMO

O Congado é uma manifestação cultural realizada pela população negra, em diversas localidades do território brasileiro. Nesta manifestação, são evidenciados valores e aspectos simbólicos característicos de cada grupo, bem como é revisitada a memória sobre sua formação e evolução ao longo do tempo. Esse estudo abordou a cultura negra do Congado, no distrito de Santo Antônio do Rio das Mortes Pequeno, Minas Gerais, por meio da festividade em honra a Nossa Senhora do Rosário, onde foi possível identificar a materialização dessa prática cultural no território por meio dos espaços sagrados e profanos, juntamente com as relações socioespaciais realizadas nessa comunidade. Ao analisar mais a fundo da festa do Congado do distrito do Rio das Mortes- MG, pode-se caracterizar esse distrito de São João del-Rei como um importante *lócus* da cultura afro-brasileira em Minas Gerais, dando a essa comunidade uma identidade única e própria desse local, marcado por significados, símbolos e rituais realizados através do Congado. O estudo se fundamenta em trabalhos de campo, com observação direta, entrevistas e análise de fontes documentais fornecidas por congadeiros, constituindo-se estas ferramentas o meio para a compreensão de como os congadeiros vivenciam o congado neste distrito.

Palavras-chave: Congado, Território, Identidade

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	7
CAPÍTULO 1 - BASE TEÓRICA	10
CAPÍTULO 2 - O CONGADO DO TERRITÓRIO BRASILEIRO E MINEIRO	21
2.1. O Congado no Brasil	22
2.2. O congado em Minas Gerais	24
CAPÍTULO 3 - O CONGADO DO RIO DAS MORTES	27
3.1. Caracterização geográfica do Rio das Mortes	34
3.2. Elementos e personagens do Congado	35
3.3. Momentos anterior ao Dia Maior	39
3.4. Momentos do Dia Maior.....	41
3.5. Territorialidades da festa.....	46
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	49
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	51

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Reportagem sobre o Congado do Rio das Mortes datada de 1926	27
Figura 2: Capitão Cristóvão na década de 40, no Rio das Mortes.....	29
Figura 3: Transmissão dos saberes as crianças.....	31
Figura 4: Área do Rio das Mortes delimitada em vermelho e o povoado do Largo da Cruz delimitada de amarelo.....	34
Figura 5: O mouro durante a apresentação na festa do Rosário	36
Figura 6: O comandante da bandeira – Geraldo	37
Figura 7: Capitão Pedro no comando do grupo do Rio dias Mortes	38
Figura 8: Sede dos congadeiros no povoado do Largo da Cruz	40
Figura 9: Saudações dos congadeiros aos seus antepassados.....	42
Figura 10: Apresentação no interior da igreja de Santo Antônio	43
Figura 11: Integrantes do Congado reverenciando a corte	44
Figura 12: Batalha do mouro e os cercadores.....	46
Figura 13: Divisão do território: espaço sagrado e comércio.....	47

INTRODUÇÃO

O Congado, desde o seu surgimento no período colonial, no território brasileiro, passou por várias transformações, até chegar nos dias de hoje. Tal manifestação cultural afro-brasileira se desenvolveu por diversas regiões do Brasil, construindo suas próprias histórias, práticas, símbolos e rituais, de acordo com o contexto no qual o grupo está inserido. O período da escravidão é um elemento chave para a compreensão do Congado no território brasileiro; sendo esse período bastante presente como referência nas narrações dos congadeiros para se referir ao surgimento do grupo ao qual pertencem. Este é o caso do Congado do Rio das Mortes, que de acordo com alguns congadeiros, foi formado em uma das senzalas existentes nas proximidades do distrito do Rio das Mortes. Segundo Macedo (2007),

O início do congado, na narração dos velhos integrantes dos ternos de congo, é uma mistura de lenda e história da luta dos negros no período da escravidão no Brasil. [...]. Como os negros escravos eram obrigados a cultivar divindades do catolicismo, por imposição dos fazendeiros e da igreja, escolheram personagens que se aproximavam de sua fé. Nossa Senhora do Rosário, São Benedito e Santa Efigênia foram incluídos na celebração. O que para muitos parecia sincretismo religioso brasileiro, para os negros era um alento para quem sonhava em ter liberdade e voltar para a terra natal. As músicas cantadas até hoje pelos grupos da congada lembram essa história sofrida dos negros no Brasil (MACEDO, 2007, p.21).

A festa do Congado é uma importante manifestação cultural que configura a identidade da comunidade do Rio das Mortes, por meio da festa realizada de ano em ano pelos congadeiros. Nesta, o grupo consegue resgatar a identidade cultural do seu povo, além de contribuir para a sua preservação perante as culturas do mundo contemporâneo. É Trata-se de uma festa que surgiu com os negros escravos, porém, atualmente, se “transformou em festa também de branco, festa do preto e da elite”, tornando-se uma festa de todos da comunidade sem distinção” (Carmo, 2008).

Durante sua apresentação pelo distrito, o Congado é marcado por símbolos e códigos que, se compreendidos, ajudam ao entendimento do contexto histórico geográfico desse grupo no território, bem como o modo como se opera os vínculos e tensões entre o sagrado e o profano. Que de acordo com Carmo (2008), ambos

[...] integram um mesmo corpo social que se transfigura para atender a determinado interesse de quem supostamente tem o controle das regras. O sagrado e o profano se complementam e integram um mesmo corpo, a formação social do ser humano. Ao nosso ver, o profano é necessário para possibilitar o reconhecimento dos limites em nossa sociedade, enquanto a religiosidade preocupa-se com um conduta moral e harmônica coletiva (CARMO, 2008, p. 189).

Tal manifestação cultural atrai todos os anos muitos participantes, visitantes e devotos para o distrito do Rio das Mortes, o que para o grupo do Congado é de suma importância para seu reconhecimento perante a sociedade, sendo também uma forma de resgatar os valores e identidades culturais deixados pelos seus antepassados.

Ao analisar mais a fundo o distrito do Rio das Mortes- MG, através da festividade do congado, ressaltamos que esse distrito de São João del-Rei é um importante *locus* da cultura afro-brasileira em Minas Gerais, onde é evidenciado pela forte ligação que os congadeiros têm com a população e o território; e como esses congadeiros dão a este distintos sentidos e significados.

No momento de compartilhamento das vivências, e a cada fala com os congadeiros, percebemos como o espaço da igreja e sua relação com a população são importantes na composição de uma territorialização de um movimento negro local e próprio deste distrito de São João del-Rei.

A pesquisa se desenvolveu por meio de uma abordagem qualitativa, fundamentada, sobretudo, em teorias e abordagens da Geografia, enfocando-se na territorialização da cultura negra no distrito de Santo Antônio do Rio das Mortes Pequeno, através do congado. Ao longo do estudo foi realizado um levantamento bibliográfico interdisciplinar que embasou e auxiliou na compreensão acerca de temas relacionados com a cultura afro-brasileira. Como ressalta Eco (2007),

A metodologia da investigação estrutura-se em dois momentos diferenciados e interdependentes. O primeiro é o da descoberta da verdade, que agrupa todos os actos intelectuais indispensáveis à formulação e resolução do problema estudado, enquanto o segundo diz respeito à transmissão da verdade descoberta, com todos os problemas que o sistema da composição levanta. Ambos os momentos implicam não só operações cognitivas específicas, como designam uma ordem cronológica de abordagens que lhes garante a validade científica (ECO,2007, p. 15/16).

O trabalho de campo será apresentado na parte mais descritiva desta pesquisa, cujo objetivo principal foi a compreensão dos significados nos momentos da festa do Congado, entendida como condição para o entendimento da realidade desses congadeiro nesse território. Sendo assim, a vivência no dia da festa do Congado no distrito de Rio das Mortes, no dia 23 de outubro de 2016, possibilitou a primeira aproximação com a festa, com moradores e congadeiros, permitindo o reconhecimento de alguns significados e elementos históricos, que

serão aprofundados adiante. Após essa primeira aproximação, foi possível retornar ao distrito para novos diálogos e entrevistas com os congadeiros e com a comunidade que tem participação diretamente nas festividades, o que contribui para um melhor entendimento da história percorrida pelo grupo ao longo desses 336 anos de devoção a Nossa Senhora do Rosário.

Antes de iniciar a conceituação teórica, recorro ao antropólogo Daniel Albergaria Silva (2014) para descrever a relação do pesquisador com a área de estudo e seus sujeitos. Segundo o autor,

[...] no âmbito da interlocução com os membros dos grupos de congado, o processo de elaboração dos conceitos etnográficos: a expressão “estar no Rosário” servia tanto aos congadeiros quanto ao pesquisador para esclarecer não apenas os significados de ações rituais em curso, mas o modo como os participantes as apreendiam e nelas se envolviam. Ao levar a sério as concepções dos atores compreendem-se então como os diversos grupos, com seus procedimentos rituais específicos, estendem relações sociais a agentes humanos e não-humanos, como interagem não só com outros ternos, mas também com os santos católicos, as entidades afro-brasileiras e os seus antepassados (SILVA, 2014, p.1).

O tema desse estudo surgiu diante do meu interesse pelas manifestações culturais presente no âmbito das cidades e pelo próprio contexto territorial no qual estou inserido. Nasci em uma cidade do interior de Minas Gerais, no qual cresci diante das festas populares e religiosas que aconteciam durante o ano. E umas das festas que mais chamava a minha atenção e gostava de assistir era a festa do Congado com suas cores, danças e devoção que acontece apenas em um domingo no mês de outubro na pequena capela De Nossa Senhora do Rosário. Assim, nessa vivência de anos participando da festa, pude notar as transformações ocorridas ao longo desses anos na festividade e como isso implicava no contexto da festa. Logo, nesse momento final da graduação, surgiu a ideia e a oportunidade de entrar nesse universo do Congado e dar vozes a esses povos que marcam culturalmente a vida na cidade. Durante a escolha da área de estudo, o Congado do Rio das Mortes – MG, surgiu como um importante grupo que merecia um estudo mais aprofundado, devido suas maneiras peculiares ao realizarem a festa do Rosário nesse território, e como esse grupo de Congado marcam a vida dessa população e dos próprios congadeiros. Assim, esta pesquisa me possibilitou retornar ao universo dos sons, cores e sabores vivenciados ao longo da minha vida na festa do Congado e que faz parte da minha subjetividade.

CAPÍTULO 1 - BASE TEÓRICA

Ao buscar o entendimento do congado como uma prática da cultura afro-brasileira do distrito de Rio das Mortes – MG, que se materializa no território, surgem inúmeras possibilidades para a compreensão da realidade dessa manifestação cultural que se desenvolve no plano do cotidiano. Assim, para melhor reconhecimento dessa área do estudo, é necessário recorrer a conceitos teóricos como caminho para tal compreensão. Esse embasamento teórico serve como instrumento metodológico para sustentar a análise das informações e observações obtidas através da oralidade por meio dos congadeiros na festividade de nossa senhora do Rosário. Desta forma, a partir de um olhar principalmente do âmbito da Geografia e áreas afins, temos por objetivo analisar a materialização da cultura afro-brasileira presente no congado do Rio das Mortes-MG e discutir sua territorialização nessa comunidade. Essa materialização ocorre no espaço urbano através das relações entre os sujeitos nela presentes.

Início a conceituação teórica, como a análise conceitual sobre cidade de Ana Fani A. Carlos (2007), visto que é no plano da cidade que as relações sociais se materializam. Segundo a autora,

[...] podemos tomar como ponto de partida para o desenvolvimento do raciocínio capaz de produzir uma “leitura geográfica sobre a cidade” a ideia de cidade como construção humana, produto histórico-social, contexto no qual a cidade aparece como trabalho materializado, acumulado ao longo de uma série de gerações, a partir da relação da sociedade com a natureza. Expressão e significação da vida humana, a cidade a revela ao longo da história, como obra e produto que se efetiva como realidade espacial concreta em um movimento cumulativo, incorporando ações passadas ao mesmo tempo em que aponta as possibilidades futuras que se tecem no presente da vida cotidiana (CARLOS, 2007, p.20).

Segundo Carlos (2007) as cidades revelam ao longo do tempo “como obra e produto que se efetiva como realidade espacial concreta em um movimento cumulativo, incorporando ações passadas ao mesmo tempo em que aponta as possibilidades futuras que se tecem no presente da vida cotidiana.” E, ainda de acordo com a autora,

A análise espacial da cidade, no que se refere ao processo de produção, revela a indissociabilidade entre espaço e sociedade, na medida em que as relações sociais se materializam em um território real e concreto, o que significa dizer que, ao produzir sua vida, a sociedade produz/reproduz um espaço através da prática sócio-espacial. A materialização do processo é dada pela concretização das relações sociais produtoras dos lugares, esta é a dimensão da produção/reprodução do espaço, passível de ser vista, percebida, sentida, vivida. (CARLOS, 2007, p.20/21).

O cotidiano no mundo contemporâneo é repassado para a sociedade com algo sem importância, banalizando o dia-a-dia. Porém ao analisar o cotidiano, nos deparamos com a relação entre o homem e a sociedade, na qual podemos compreender toda a dinâmica presente no território através do sujeito. Em sua obra “A vida cotidiana no mundo moderno”, Henri Lefebvre expressa o cotidiano como um conceito de nossa sociedade e da época:

Tratando-se de cotidiano, trata-se, portanto, de caracterizar a sociedade em que vivemos, que gera cotidianidade (e a modernidade). Trata-se de defini-la, de definir suas transformações e suas perspectivas, retendo entre os fatos aparentemente insignificantes, alguma coisa de essencial, e ordenando os fatos. Não apenas a cotidianidade é um conceito, como ainda podemos tomar esse conceito como fio condutor para conhecer a “sociedade”, situando o cotidiano no global (LEFEBVRE, 1991, p. 35).

O cotidiano é dotado de relações sociais que se materializam nas atividades realizadas pelo homem ao decorrer da sua vida, e é nessa perspectiva que a interpretação do mundo se dá de forma individual entre cada indivíduo, e conseqüentemente, levando a criação de vínculos afetivos e identitários em determinado lugar. De acordo com Carlos (2007),

[...] a dimensão da história que entra e se realiza na prática cotidiana (estabelecendo um vínculo entre o “de fora” e o “de dentro”), instala-se no plano do vivido e que produziria o conhecido-reconhecido, isto é, é no lugar que se desenvolve a vida em todas as suas dimensões. Também significa pensar a história particular de cada lugar se desenvolvendo ou melhor se realizando em função de uma cultura/tradição/língua/hábitos que lhe são próprios, construídos ao longo da história e o que vem de fora, isto é o que se vai construindo e se impondo como consequência do processo de constituição do mundial (CARLOS, 2007, p.17).

O ponto inicial para compreender do lugar é a consideração dos vínculos afetivos, bem como do modo como se dá a reprodução das relações e da existência de cada indivíduo, já que é disso que deriva sua significação. Para Tuan (1983) “os acontecimentos simples podem com o tempo se transformar em um sentimento profundo pelo lugar”.

De acordo com Carlos (2007) “o lugar é a base da reprodução da vida e pode ser analisado pela *tríade habitante - identidade - lugar*. A cidade, por exemplo, produz-se e revela-se no plano da vida e do indivíduo. ” A autora ainda afirma que as relações cotidianas que passam despercebidas ao longo do tempo são as que criam fortes laços de identidade. Esses laços podem ser entre os próprios habitantes e entre os habitantes com o lugar. Sendo que a primeira é dada no convívio diário, onde são compartilhados os ensinamentos, as histórias populares, entre outras. E na segunda é construída uma identidade própria, que é formada através do uso do espaço, dando assim ao habitante a sensação de pertencimento ao lugar. Neste sentido,

O lugar é produto das relações humanas, entre homem e natureza, tecido por relações sociais que se realizam no plano do vivido o que garante a construção de uma rede de significados e sentidos que são tecidos pela história e cultura civilizadora produzindo a identidade, posto que é aí que o homem se reconhece porque é o lugar da vida. O sujeito pertence ao lugar como este a ele, pois a produção do lugar liga-se indissociavelmente à produção da vida (CARLOS, 2007, p.22).

Ao pensar o “lugar” como palco da festividade de nossa senhora do Rosário no Rio das Mortes, percebe-se que este é marcado pelo seu forte caráter sagrado, que desenha todo o espaço comunitário por meio dos símbolos, fé, subjetividade, identidade, memória. De acordo com a visão Zeny Rosendahl,

Os lugares sagrados não são somente uma série de dados acumulados, mas envolvem também experiências humanas. Não devemos nos deter em descrever os bens simbólicos que existem nos lugares, mas saber o que esses bens significam para seus usuários. Essa questão envolve o conhecimento da religião como um sistema de símbolos sagrados e seus valores, e também a dinâmica da produção de bens simbólicos religiosos, envolvendo os agentes sociais do processo em suas dimensões simbólicas, econômica, social e política (ROSENDAHL, 2007, p. 189).

O território, como categoria de análise da geografia, não deve ser investigado somente por meio de um olhar geográfico, porque sua abordagem ganha um caráter interdisciplinar. Para Maria Encarnação Beltrão Sposito (2009)

O conceito de território, que muitos preferem qualificar de categoria, tem rivalizado com o de espaço, no que se refere às escolhas teóricas dos geógrafos, quando se trata de escolher a ferramenta intelectual principal, para entender o mundo em que vivemos. Tem sido, também, objeto de interesse de outros cientistas sociais, preocupados em compreender o nosso período, a partir das tendências de circulação das pessoas, das informações e dos bens, que geram mobilidade, fluidez, instabilidade e imponderabilidade que, articuladas entre si, produzem a complexidade que nos cerca (SPOSITO, 2009, p.7).

Claude Raffestin (1993), na sua obra “Por uma geografia do poder”, considera o território como fruto das relações do poder. E que o espaço é anterior ao território, e esses possuem diferenças. Contudo, o espaço é transformado para a criação do território, porém, o território exprime um espaço construído por um ator sintagmático que possui interesses e objetivos. Segundo o autor,

O território se forma a partir do espaço, é o resultado de uma ação conduzida por um ator sintagmático (ator que realiza um programa) em qualquer nível. Ao apropriar de um espaço concreta ou abstratamente (por exemplo, pela representação), o ator "territorializa" o espaço (RAFFESTIN, 1993, p.2).

Rogério Haesbaert compartilha das ideias de Raffestin segundo as quais o território é concebido pelas relações de produção e de poder, realizadas entre o Estado e o indivíduo, ou seja, o território está associado à ideia de poder, tanto nas dimensões do poder público, estatal

ou privado. Contudo, o autor chama a atenção para a importância da consideração das relações culturais e identitárias, como forma de ampliar o conceito.

De acordo com a explicação de Haesbaert (2004), o território apresenta desde sua origem duas faces de entendimento. Destacam-se, segundo o autor, as relações de apropriação e de dominação. Nesta perspectiva,

Desde a origem, o território nasce com uma dupla conotação, material e simbólica, pois etimologicamente aparece tão próximo de Territorium quanto de térreo-terror (terror, aterrorizar), ou seja, tem a ver com dominação (jurídico-político) da terra e com a inspiração do terror, do medo – especialmente para aqueles que, com esta dominação. Ficam aliçados da terra, ou no “territorium” são impedidos de entrar. Ao mesmo tempo, o território inspira a identificação (positiva) e a efetiva “apropriação” (HAESBAERT, 2004, p.1).

Haesbaert (2012) identificou três dimensões em relação à noção de território: política, cultural e econômica.

- Política (referida às relações espaço-poder em geral) ou jurídico-política (relativa também a todas as relações espaço-poder institucionalizadas): a mais difundida, onde o território é visto como um espaço delimitado e controlado, através do qual se exerce um determinado poder, na maioria das vezes - mas não exclusivamente - relacionado ao poder político do Estado.
- Cultural (muitas vezes culturalista) ou simbólico-cultural: prioriza a dimensão simbólica e mais subjetiva, em que o território é visto, sobretudo, como o produto da apropriação/valorização simbólica de um grupo em relação ao seu espaço vivido.
- Econômica (muitas vezes economicista): menos difundida, enfatiza a dimensão espacial das relações econômicas, o território como fonte de recursos e/ou incorporado no embate entre classes sociais e na relação capital-trabalho, como produto da divisão “territorial” do trabalho, por exemplo (HAESBAERT, 2012, p.40).

Com base nas dimensões do conceito de território, apresentadas por Haesbaert (2012), destaco o aspecto “cultural (muitas vezes culturalista) ou simbólico-cultural” para reforçar a discussão de território e territorialidade, de interesse particular neste trabalho. Tal abordagem se mostra especialmente relevante no entendimento, aqui assumido, do congado como uma prática cultural que expressa uma relação específica entre sociedade e espaço.

Compartilhando das ideias de Haesbaert, o território pode ser compreendido tanto pela sua dimensão simbólica e suas representações quanto pela dimensão material. Na simbólica, se evidencia a apropriação, marcada pelo “vivido” das relações entre o homem e espaço, enquanto que, no material, ganha destaque o caráter de dominação, do poder.

Território, assim, em qualquer acepção, tem a ver com poder, mas não apenas ao tradicional “poder político”. Ele diz respeito tanto ao poder no sentido mais concreto, de dominação, quanto ao poder no sentido mais simbólico, de apropriação. Lefebvre distingue apropriação

de dominação (“possessão”, “propriedade”), o primeiro sendo um processo muito mais simbólico, carregado das marcas do “vivido”, do valor de uso, o segundo mais concreto, funcional e vinculado ao valor de troca (HAESBAERT, 2004, p.1/2).

Desta maneira, podemos investigar o território, segundo Haesbaert (2004), por dois grandes tipos de território: o território mais funcional e um território mais simbólico. Sendo que esses tipos não se revelam em sua essência pura, pois “todo território “funcional” tem sempre alguma carga simbólica, por menos expressiva que ela seja, e todo território “simbólico” tem sempre algum caráter funcional, por mais reduzido que ele seja.”.

Bonnemaison e Cambrèzy (1996, apud Haesbaert 2012) enfatizam a intensa relação das sociedades dos povos tradicionais com o espaço de vida, onde o território é visto não só como uma fonte de recursos, mas também um espaço ocupado através da intensa apropriação simbólica-religiosa. Para os autores,

Pertencemos a um território, não o possuímos, guardamo-lo, habitamo-lo, impregnamos-nos dele. Além disto, os viventes não são os únicos a ocupar o território, a presença dos mortos marca-o mais do que numa com o signo do sagrado. Enfim, o território não diz respeito apenas à função ou ao ter, mas ao ser. Esquecer este princípio espiritual e não material é se sujeitar a não compreender a vivência trágica de muitas lutas e conflitos que afetam o mundo de hoje: perder seu território é desaparecer (1996, apud HAESBAERT, 2012, p.73).

De acordo com Milton Santos (2009), O território é uma categoria de análise da Geografia, porém sua conceituação pode ser utilizada em diferentes áreas de estudos ligados ao espaço. O autor destaca a referência da Geografia no estudo do território:

A Geografia alcança neste fim de século a sua era de ouro, porque a geograficidade se impõe como condição histórica, na medida em que nada considerado essencial hoje se faz no mundo que não seja a partir do conhecimento do que é o Território. O Território é o lugar em que desembocam todas as ações, todas as paixões, todos os poderes, todas as forças, todas as fraquezas, isto é, onde a história do homem plenamente se realiza a partir das manifestações da sua existência. A Geografia passa a ser aquela disciplina tornada mais capaz de mostrar os dramas do mundo, da nação, do lugar (SANTOS, 2009, p.1).

Em outro momento, o autor esclarece a questão do valor do território, relacionando a questão da identidade, sentimento e pertencimento com o território e seus agentes e sujeitos. Seus usos e significados na sociedade ao longo do tempo

O território não é apenas o conjunto dos sistemas naturais e de sistemas de coisas superpostas. O território tem que ser entendido como o território usado, não o território em si. O território usado é o chão mais a identidade. A identidade é o sentimento de pertencer àquilo que nos pertence. O território é o fundamento do trabalho, o lugar da residência, das trocas materiais e espirituais e do exercício da vida (SANTOS, 2009, p.8).

Para Souza (2000), o conceito de território deve abordar mais que seu entendimento só através do território Estado-Nação. Esse deve ser compreendido também por uma abordagem cultural. Em sua obra, o autor identifica grupos sociais e suas relações de poder no território, na qual surgem conflitos. Em outras palavras,

O território surge, na tradicional Geografia Política, como o espaço concreto em si (com seus atributos naturais e socialmente construídos), que é apropriado, ocupado por um grupo social. Ocupação do território é vista como algo gerador de raízes e identidade: um grupo não pode mais ser compreendido sem o seu território, no sentido de que a identidade sócio-cultural das pessoas estaria inarredavelmente ligada aos atributos do espaço concreto (SOUZA, 2000, p.84).

Portanto, a aplicação do conceito de território, pode ser interpretada e analisada por meio das relações sociais, das relações de poder, de domínio, apropriação e ocupação do espaço, bem como a relação de identidade e pertencimento. Sendo que todas essas relações podem ser construídas ou desconstruídas em escala temporal no território. E na perspectiva do conceito de território, dimensões como identidade, territorialidade, simbolismo e a cultura são fundamentais para o seu entendimento.

Compreende-se que o território vai muito além da terra como elemento de moradia, produção e reprodução, é local onde se concretiza as relações entre as pessoas, onde manifesta a identidade cultural. E a territorialidade surge da consciência de cada habitante de pertencer a um território em sua relação social cotidiana, relação essa carregada de subjetividade. Entretanto, evidenciar a dimensão subjetiva do território, não implica em negar a importância do poder. Chamando a atenção para essa questão, Raffestin (1993) afirma:

[...] a territorialidade adquire um valor bem particular, pois reflete a multidimensionalidade do "vivido" territorial pelos membros de uma coletividade, pelas sociedades em geral. Os homens "vivem", ao mesmo tempo, o processo territorial e o produto territorial por intermédio de um sistema de relações existenciais e/ou produtivistas. Quer se trate de relações existenciais ou produtivistas, todas são relações de poder, visto que há interação entre os atores que procuram modificar tanto as relações com a natureza como as relações sociais. Os atores, sem se darem conta disso, se automodificam também. O poder é inevitável e, de modo algum, inocente. Enfim, é impossível manter uma relação que não seja marcada por ele (RAFFESTIN, 1993, p.14).

Para Haesbaert (2012), “O mundo contemporâneo perdeu seu(s) centro(s) e nossos espaços de referências identitárias se tornaram fluidos, desconectados, ou simplesmente desapareceram”. Contudo, muitos lugares conseguem ainda em meio a tantas mudanças no

mundo atual preservar os espaços culturais de referências da memória coletiva de certo lugar, como é o caso do distrito de Rio das Mortes – MG, conforme analisaremos adiante. Por esta razão,

[...] ver o território apenas numa perspectiva política e, mais ainda, do ponto de vista do Estado e de suas fronteiras materiais, é muito simplificador. Muitos preferem priorizar a dimensão simbólica, vendo o território com fruto de uma apropriação simbólica, especialmente através das identidades territoriais, ou seja, da identificação que determinados grupos sociais desenvolvem com seus “espaços vividos” (HAESBAERT, 2012, p.120).

Para Marcos Aurélio Saquet (2009), a territorialidade se constitui um fenômeno social de um grupo de indivíduos, exercida no contexto do território, construindo identidades que são influenciadas por condições históricas e geográficas. Nas palavras do autor,

A territorialidades corresponde ao poder exercido e extrapola as relações políticas envolvendo as relações econômicas e culturais, indivíduos e grupos, redes e lugares de controle, mesmo que sejam temporários, do e no espaço geográfico com suas edificações e relações. A territorialidade efetiva-se em todas as nossas relações cotidianas, ou melhor, ela corresponde às nossas relações sociais cotidianas em trama, no trabalho, na família, na rua, na praça, na igreja, trem, na rodoviária, enfim, na cidade-urbano, no rural-agrário e nas relações urbano-rural de maneira múltipla e híbrida (SAQUET, 2009, p.90).

Portanto, a territorialidade está intimamente relacionada no modo como cada indivíduo utiliza sua terra, se organiza e dá um significado ao lugar. Sendo a religião importante fenômeno cultural, cabe analisar sua dimensão espacial. Neste sentido, Rosendahl (2007) apresenta a definição de “territorialidade religiosa”, noção que contribui para melhor compreender a territorialidade do congado do Rio das Mortes. Para a autora,

Territorialidade religiosa, por sua vez, significa o conjunto de práticas desenvolvidas por instituições ou grupos no sentido de controlar um dado território. Sendo assim, a territorialidade engloba, no mesmo tempo, as relações que o grupo mantém com o lugar sagrado (fixo) e os itinerários que constituem seu território (ROSENDAHL, 2007, p.195).

A identidade é outro conceito que nos leva ao entendimento do Congado, sendo que a identidade do grupo guarda uma dimensão espacial, onde vários elementos são criados, a partir do imaginário, para retratar e relembrar a identidade e o território de origem dos seus antepassados, elementos esses que se expressam nos sentimentos de cada indivíduo ou grupo. Pode-se dizer, assim, que:

[...] tem por suporte um grupo limitado no espaço e no tempo, portanto uma memória dividida – real ou fictícia – propicia a coesão de um grupo e, em consequência, cria a integração. Um grupo que só se pode visualizar num espaço onde elementos da toda memória coletiva suas

histórias estão presentes. Cada grupo definido localmente tem a própria memória e uma representação do tempo que é só dele. [...] Ao demarcar o lugar, com suas ações, com seu “ir e vir” no uso, para a vida, o homem se identifica com o espaço porque seus traços, suas marcas o transformam. Na convivência com o lugar, e nele se produz a identidade (CARLOS,2007, p.48).

De acordo com Yi Fu Tuan (1983), a formação da memória e identidade, quando no âmbito da cidade, é dada por meio das diferentes histórias narradas pelos seus habitantes, ao longo do tempo, onde as lembranças individuais, coletivas e afetivas são criadas nas relações sociais entre os indivíduos. Em suas palavras,

Uma cidade não se torna histórica simplesmente porque ocupa um mesmo sítio durante um longo tempo. Os acontecimentos passados não produzirão impactos no presente se não forem gravados em livros de histórias, monumentos, desfiles e festividades solenes e alegres que todos reconhecem fazem parte de uma tradição que se mantém viva. Uma cidade antiga guarda um acervo de fatos nos quais as sucessivas gerações de cidadãos podem se inspirar e recriar sua imagem de lugar (TUAN, 1983, p.193).

A identidade é uma construção fundamentada por meio dos elementos históricos e geográficos de acordo com cada contexto no qual o indivíduo está inserido. Logo, toda identidade implica numa territorialização, pois torna-se real no território por meio de elementos de pertencimento ou estranhamento ao local. As identidades que compõem os sujeitos podem manifestar-se no âmbito da religiosidade, nacionalidade, sexualidade entre outras. Contudo, a identidade pode ser entendida como uma construção social, onde distintos grupos sociais, ao relacionar com o espaço, criam significados. Manuel Castells (1999) entende por identidade:

O processo de construção de significado com base em um atributo cultural, ou ainda um conjunto de atributos culturais inter-relacionados, o(s) qual(ais) prevalece(m) sobre outras fontes de significados. Por um determinado indivíduo ou ainda um ator coletivo, pode haver identidades múltiplas (CASTELLS, 1999, p.22)

Contudo, a identidade surge como uma construção social, que é dado por meio das subjetividades do coletivo ou no individual. Contudo, os diversos grupos sociais que surgem ao longo do tempo, criam e recriam significados, fortalecendo assim a construção de uma identidade, possibilitando uma análise geográfica sobre a apropriação do espaço, das territorialidades - tarefa assumida neste trabalho. A identidade pode ser relacionada a uma religião, cultura, território, entre outros.

Não é difícil concordar com o fato de que, do ponto de vista sociológico, toda e qualquer identidade é construída. A principal questão, na verdade, diz respeito a como, a partir de quê, por quem, e para que isso acontece. A construção de identidades vale-se da matéria-prima

fornecida pela história, geografia, biologia, instituições produtivas e reprodutivas, pela memória coletiva e por fantasias pessoais, pelos aparatos e de poder e revelações de cunho religioso. Porém, todos esses materiais são processados pelos indivíduos, grupos sociais e sociedades, que reorganizam seu significado em função de tendências sociais e projetos culturais enraizados e sua estrutura social, bem como em sua visão de tempo/espaço. (CASTELLS, 1999, p. 23).

Conforme afirma Carlos (2007) “A memória articula espaço e tempo, ela se constrói a partir de uma experiência vivida num determinado lugar. Produz-se pela identidade em relação ao lugar, assim lugar e identidade são indissociáveis. ”

Diante do exposto, pode-se dizer que as práticas realizadas no congado do Rio das Mortes, sejam aquelas transmitidas pela oralidade ou pelos momentos do festejo, são fundamentais para manter viva as tradições da comunidade, sendo uma forma de resistir no espaço/tempo por meio de sua cultura, perante as sociedades dominantes. Logo, a identidade da comunidade, marcada pela trajetória particular do povo ao qual seus indivíduos se identificam, se concretiza no território. Como salienta Hall (2003),

Possuir uma identidade cultural nesse sentido é estar primordialmente em contato com um núcleo imutável e atemporal, ligando ao passado o futuro e presente numa linha ininterrupta. Esse cordão umbilical é que chamamos de “tradição”, cujo teste é o de sua fidelidade às origens, sua presença consiste diante de si mesma, sua “autenticidade”. É claro, um mito – como todo potencial de nossos mitos dominantes de moldar nossos imaginários, influenciar nossas ações, conferir significado às nossas vidas e dar sentido à nossa história (HALL, 2003, p.29).

Ao pensarmos na identidade cultural do distrito do Rio das Mortes, através do congado, entende-se que a identidade surge de acordo com o processo de apropriação e produção de cada indivíduo pelo espaço, onde esses constroem espaços de identificação e pertencimento, criando fortes relações com o seu território, fazendo com que, esse território ganha um sentido concreto de identidade cultural. Para Claval (1999),

As identidades representam múltiplas relações sociais, assim como a autopercepção de atribuições, podendo ser observadas em várias formas de manifestações: étnica, religiosa, nacional, sexual, camponesa, proletária e no nosso caso intimamente relacionada a um recorte do espaço; o território. A identidade aparece como uma construção cultural. Ela responde a uma necessidade existencial profunda, a de responder a uma questão: “quem sou eu?” Ela o faz selecionando um certo número de elementos que caracteriza, ao mesmo tempo, o indivíduo e o grupo (CLAVAL,1999, p.15).

E é por meio do conjunto de representações concebida no imaginário que um determinado grupo ou indivíduo projeta a sua realidade e a si mesmo no mundo, levando a

construção de uma identidade pessoal e territorial, que são bases fundamentais para a identificação com os espaços nos quais pertencem e para a formação cultural do território.

Ao analisarmos a formação cultural do território brasileiro, conta-se que essa foi dada pela junção entres os povos africanos, portugueses e indígenas, que resultou em uma vasta diversidade cultural difundida pelo território brasileiro.

A diversidade cultural é o processo de enunciação da cultura como “conhecível”, legítimo, adequado à construção de sistemas de identificação cultural. Se a diversidade é uma categoria ética, estética ou etnologia comparativa, a diferença cultural é um processo de significação através dos quais afirmações da cultura ou sobre a cultura diferenciam, discrimina e autoriza a reprodução de campos de força, referência, aplicabilidade e capacidade (BHABHA, 1998, p.63).

Exemplificando, Corrêa (2007) afirma: “A heterogeneidade cultural brasileira, fruto de longos, complexos e espacialmente diferenciados processos envolvendo sociedade e natureza, faz do Brasil um excelente campo para o estudo da geografia cultural”. Sendo assim, a cultura brasileira se destaca por sua rica diversidade cultural, fruto dos diversos números de povos oriundos de outras terras, que se desenvolveram no território desde do tempo de colonização, ressaltando que esse processo não ocorreu de forma harmoniosa entre os colonizados e o colonizadores.

De acordo com Pereira (2011), em território brasileiro “os cativos re-criaram formas culturais e religiosas que os ajudavam a enfrentar sua condição e sobreviver enquanto escravos” sendo que antes do cativeiro, esses sujeitos continham suas próprias experiências e comportamentos relacionados a práticas culturais, assunto que será mais aprofundado no próximo capítulo sobre o Congado *no tempo*.

Contudo, nos grupos de Congado, vários elementos são criados a partir do imaginário para retratar e relembrar a identidade e o território de origem dos seus antepassados, esses elementos se materializam no território através dos sentimentos de cada indivíduo ou grupo. De acordo com Glaura Lucas (2002, apud Pereira, 2011),

A expressão religiosa do Congado, e mais especificamente a do Reinado de Nossa Senhora do Rosário em Minas Gerais, desenvolveu-se no interior do sistema escravista brasileiro, resultando do violento processo de imposição cultural sofrido pelos negros. Como decorrência dos contatos culturais, os negros re-elaboraram valores alheios à sua concepção de mundo, reinterpretando, assim, o catolicismo, por meio de sua própria cosmovisão. Nos rituais do Congado, portanto, estão presentes valores e saberes africanos, principalmente vinculados a culturas bantu, os quais, trazidos para o Novo Mundo, sobreviveram às imposições culturais da cultura dominante, com ela se mesclaram, e se transformaram continuamente em sua trajetória brasileira (apud PEREIRA, 2011, p.45).

A cultura pode ser entendida, portanto, com uma realidade mutável, cheia de significados que são passados de geração em geração, o que contribui para a formação das diversas sociedades. De acordo com Claval (2007),

A cultura é constituída de realidade e signos que foram inventados para descrevê-las, dominá-la e verbalizá-la. Carrega-se, assim, uma dimensão simbólica. Ao serem repetidos em público, certos gestos assumem novas significações. Transformam-se em rituais e criam, para aqueles que os praticam ou que os assiste, um novo sentimento de comunidade compartilhada. Na medida em que a lembrança das ações coletivas funde-se aos caprichos da topografia, às arquiteturas admiráveis ou aos monumentos criados para sustentar a memória de todos, o espaço torna-se território (CLAVAL, 2007, p.14).

Uma outra abordagem conceitual de cultura é a de Roberto Lobato Corrêa (2007), segundo o qual:

A cultura resulta da capacidade de os seres humanos se comunicarem entre si por meio de símbolos. Quando as pessoas parecem pensar e agir similarmente, elas o fazem porque vivem, trabalham e conversam juntos, aprendem com os mesmos companheiros e mestres, tagarelam sobre os mesmos acontecimentos, questões e personalidades, observam ao seu redor, atribuem o mesmo significado aos objetos feitos pelo homem, participam dos mesmos rituais e recordam o mesmo passado. Inversamente, grandes diferenças em pontos de vista e atividades geralmente refletem a ausência de símbolos e língua comuns. Assim, a cultura também está assentada numa base geográfica, pois é provável que só ocorra comunicação regular e compartilhada entre pessoas que ocupam uma área comum (CORRÊA, 2007, p.28/29).

CAPÍTULO 2 - O CONGADO DO TERRITÓRIO BRASILEIRO E MINEIRO

O território brasileiro ao longo de sua formação foi marcado pelo grande contingente de escravos, em sua maioria de origem africana, se constituindo mão-de-obra no território brasileiro. Ainda que não se constitua objetivo deste trabalho abordar detidamente as várias dimensões relacionadas à força de trabalho escrava, é importante ressaltar, ao menos, as contribuições africanas na cultura brasileira, desde o período colonial, uma vez que os escravos recriaram e reviveram práticas culturais que ainda permanecem vivas no Brasil contemporâneo. Logo, a formação de cultura brasileira se deu por meio de um intercâmbio cultural entre os povos, sendo marcado fortemente pelas culturas de matrizes africanas.

Nesse contexto, os Congados surgiram no território brasileiro como fruto da recriação cultural dos escravos africanos nesse “novo mundo”, misturando elementos das práticas indígenas e dos “homens branco”. De acordo com Souza (2002), o congado ou coração dos reis Congo ficou conhecida no Brasil como uma,

[...] festa que a cada ano rememorava um mito fundador de uma comunidade católica negra, na qual a África ancestral era invocada em sua versão cristianizada, representada pelo reino do Congo. Produto do encontro de culturas africanas e da cultura ibérica, a festa incorporou elementos de ambas em uma nova formação cultural, na qual os símbolos ganharam novos sentidos. [...]. Originadas geralmente no âmbito das irmandades, as comunidades que realizavam a festa assumiam formas europeias de organização para manifestar valores culturais próprios, permeados de elementos africanos (SOUZA, 2002, p.18/19).

Em Minas Gerais, a maior parte das manifestações culturais estão associadas às questões da religiosidade do povo, como é o caso do Congado que surge no contexto das irmandades de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos ou de outros santos negros, como Santa Ifigênia e São Benedito, conhecidos como protetores dos escravos.

Em terras mineiras, o Congado possui uma variedade de nomes associados ao próprio grupo, cada um possuindo uma formação, rito e identidade própria, a exemplo dos ternos¹ de Moçambique, marujada, vilão, catopés, entre outros.

¹ Termo utilizado para identificar cada grupo de congado. Cada terno possui um conjunto de elementos estéticos e organizativos específicos (forma de disposição em fileiras durante o cortejo, cores e cortes das vestimentas e adereços, modo de dançar, etc).

2.1. O Congado no Brasil

As manifestações culturais que se desenvolvem no território, a partir do período colonial no Brasil, configurado pela mistura entre os povos africanos, portugueses e indígenas que contribuiu para a uma formação cultural no Brasil, como no caso, a cultura afro-brasileira, que se formou por meios das relações dos povos africanos e o “novo território”, recriando novos conceitos e significados. De acordo com Prandi (1995/96)

A presença do negro na formação social do Brasil foi decisiva para dotar a cultura brasileira dum patrimônio mágico-religioso, desdobrado em inúmeras instituições e dimensões materiais e simbólicas, sagradas e profanas, de enorme importância para a identidade do país e sua civilização. No que diz respeito à religião especificamente, os cultos trazidos pelos africanos deram origem a uma variedade de manifestações que aqui encontraram conformação específica, através de uma multiplicidade sincrética resultante do contato das religiões dos negros com o catolicismo do branco, mediado ou propiciado pelas relações sociais assimétricas existentes entre eles, e também com as religiões indígena (PRANDI, 1995/96, p.67).

Assim, a diversidade cultural brasileira tem suas raízes na miscigenação dos povos europeus, indígenas e africanos, sendo as manifestações de matrizes africanas as mais expressivas no Brasil, e ligadas às práticas religiosas que se difundiram pelo território. Portanto, os escravos africanos em território brasileiro desenvolviam sua religiosidade no encontro do catolicismo que era imposto aos escravos com o sistema religioso africano. Como afirma Prandi (1995/96),

Se a religião negra, ainda que em sua reconstrução fragmentada, era capaz de dotar o negro de uma identidade negra, africana, de origem, que recuperava ritualmente a família, a tribo e a cidade, perdidas para sempre na diáspora, era através do catolicismo, contudo, que ele podia se encontrar e se mover no mundo real do dia-a-dia, na sociedade dos brancos dominadores, responsável pela garantia da sua existência, não importa em que condições de privação e dor. Qualquer tentativa de superação da condição escrava, como realidade ou como herança histórica, implicava primeiro a necessária inclusão no mundo branco. E logo passava a significar o imperativo de ser, sentir-se e parecer brasileiro. Nunca puderam ser brasileiros sem ser católicos. Podiam preservar suas crenças no estrito limite dos grupos familiares, muitas vezes reproduzindo simbolicamente a família e os laços familiares através da congregação religiosa [...] O próprio catolicismo, como cultura de inclusão, hegemônica, não fez oposições, que não pudessem ser vencidas, ao fato de o negro manter uma dupla ligação religiosa (PRANDI, 95/96, p. 68).

Segundo Pereira (2011) no contexto do período colonial, os escravos passaram por uma série de transformações culturais e sociais nas quais tiveram que se adaptar em um novo território, onde “os cativos re-criaram formas culturais e religiosas que os ajudavam a enfrentar sua condição e sobreviver enquanto escravos”. Sendo que esses sujeitos já possuíam suas

próprias práticas culturais. Nesse contexto das recriações culturais, surge no Brasil a prática de coroação de Reis Congos ou Reis Negros, uma reconstrução das práticas realizadas em território Africano, se materializando em terras brasileira pelos escravos no período colonial. De acordo com Souza (2002),

A eleição de reis negros esteve presente na constituição de novas comunidades no contexto da diáspora africana e da escravidão em muitas áreas do mundo criado a partir do trânsito pelo oceano Atlântico, no âmbito do sistema colonial. Exemplo da complexidade dos processos formadores das culturas particulares e da amplitude que pode atingir a circulação de modelos e linguagens que as constituem, a eleição de reis negros e as celebrações a ela associadas estiveram presentes em quase todos lugares que receberam escravos africanos (SOUZA, 2002, p.167).

O Congado no Brasil é resultante do processo de reintegração das populações africanas com o “novo mundo”, tendo como resultado novas expressões, tratamentos, culturas, símbolos e práticas, com relação aos componentes dos seus territórios originários. Os sujeitos dessa manifestação se organizam no território por meios de irmandades religiosas, constituindo-se estas as únicas associações onde se permitiam que os escravos expressassem seu reconhecimento e participação perante a sociedade. Segundo Souza (2002),

No quadro do sistema colonial escravista, no qual os africanos eram lançados a partir do apresamento em suas aldeias e do comércio atlântico, ao chegarem no Novo Mundo as irmandades foram logo percebidas como uma das únicas formas de construção de laços de solidariedade e afirmação cultural, permitidas e mesmo estimuladas pelos senhores e pela administração colonial (SOUZA, 2002, p.189).

Neste sentido, se evidencia que a história do surgimento do congado em território brasileiro está intimamente relacionada às estratégias de resistências culturais e sociais dos escravos nesse novo local. O Congado surge caracterizado por uma reinterpretação do catolicismo oficial, tendo por base a resistência de suas expressões religiosas de origem africana, sendo que essa manifestação adquiriu certa autonomia em relação à instituição católica. Contudo, em meio a esse cruzamento de matrizes culturais, as celebrações afro-brasileiras, ao reafirmar vínculos de origem, representam uma busca pela sobrevivência da memória africana, durante séculos de repressão e dominação social e cultural. Neste sentido,

Misturando história com invenção, elementos africanos com portugueses, catolicismo e crenças bantos [...] as festas de coroação de rei congo tornaram-se um dos elementos atribuidores de nova identidade à comunidade negra, criada a partir da diáspora imposta pelo tráfico de escravos. Enquanto a eleição do rei estabelecia normas de convivência internas ao grupo e deste com a sociedade abrangente, organizando hierarquias, reforçando solidariedades, definindo papéis sociais, a dança dramática fornecia os elementos simbólicos de estabelecimento de uma identidade que se fundava no cristianismo, ao mesmo tempo que em raízes africanas (SOUZA, 2002, p. 305).

Logo, o desenvolvimento do Congado no território brasileiro ocorreu por diversas formas e sentidos de realizar, sendo que o reisado é o mais comum em todas as regiões, prática essa que consiste em uma festa de coroação de reis e rainhas Congo realizado junto com a festa de Nossa Senhora do Rosário. Segundo Carmo (2008), no Brasil o Congado,

[...] persistiu enquanto prática festiva aliada à religião nas regiões onde o trabalho escravo foi mais utilizado, como Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais, Goiás e alguns estados do Sul do país. No Nordeste do Brasil, a cultura negra deu origem a outras formas de manifestação como o maracatu, que acontece durante o carnaval. Como vieram para o Brasil negros de diferentes aldeias africanas, A Congada, assim como outras manifestações culturais, apresenta, até hoje, variação de ritmos, de vestimentas e de instrumentos nos vários lugares onde ainda é realizada. Desta forma temos uma variedade de estilos que fazem com que os ternos de Congada tenham características bem distintas, mesmo em áreas próximas (CARMO, 2008, p. 132/133).

2.2. O congado em Minas Gerais

O estado de Minas Gerais é marcado pelas fortes expressões culturais, que possuem em sua base uma forte ligação com a religião. Este é o caso Congado, tradicional manifestação cultural que ocorre principalmente entre os meses de agosto e outubro, variando em cada cidade, de acordo com a data das festividades em honra aos seus santos padroeiros. Entre estes, estão: Santa Ifigênia, Nossa Senhora das Mercês, São Benedito, Nossa Senhora do Rosário, sendo esta última a principal intercessora dos Congadeiros, cuja devoção se desenvolveu a partir das irmandades existentes no período colonial. Os mitos sobre a aparição de Nossa Senhora do Rosário para os negros instauram entre os Congadeiros um envolvimento de igualdade por compartilharem da mesma história. De acordo com Glaura Lucas (2006), falar do Congado em Minas Gerais

[...] é falar de uma tradição historicamente importante na formação cultural do país, e geograficamente tão próxima, apenas de tão distante do conhecimento e imaginário da sociedade em geral, no que se refere ao seu contexto e significado. Esse distanciamento, que o torna estrangeiro à percepção gera, evidencia a presença ainda discreta de tradições como essa nos meios oficiais de geração e transmissão de conhecimentos, seja nas instituições educacionais, seja nos meios de comunicação (LUCAS, 2006, p.75).

Segundo Pereira (2011), “Em Minas Gerais, onde a influência banta é expressiva, se desenvolveu uma das festas de coroações de Reis Negros, conhecida como congado, que resulta dessas celebrações dos negros no interior das festas das irmandades coloniais”. O Congado, enquanto uma manifestação cultural afro-brasileira, expressa uma religiosidade que se mescla

entre os rituais católicos e os africanos, e que são recriados e reinventados ao longo do espaço/tempo. Esses rituais possibilitaram aos congadeiros a vivência de aspectos da cultura de seus antepassados.

A expressão religiosa do Congado, e mais especificamente a do Reinado de Nossa Senhora do Rosário em Minas Gerais, desenvolveu-se no interior do sistema escravista brasileiro, resultando do violento processo de imposição cultural sofrido pelos negros. Como decorrência dos contatos culturais, os negros re-elaboraram valores alheios à sua concepção de mundo, reinterpretando, assim, o catolicismo, por meio de sua própria cosmovisão. Nos rituais do Congado, portanto, estão presentes valores e saberes africanos, principalmente vinculados a culturas bantu, os quais, trazidos para o Novo Mundo, sobreviveram às imposições culturais da cultura dominante, com ela se mesclaram, e se transformaram continuamente em sua trajetória brasileira (2002, apud PEREIRA 2011, p.45).

Ao analisar o surgimento do Congado do território mineiro, percebe-se que esse se desenvolveu em torno das Irmandades de homens negros do Rosário no período escravista, onde desempenharam papel religioso e político. Os escravos, possuíam no interior das suas irmandades um espaço para prática da socialização e também para expressar sua cultura, sobretudo, através da religião. Cabe ressaltar que as irmandades eram divididas de acordo com a raça, resultando em grandes conflitos e preconceitos.

As irmandades eram lugares de convivência entre os poderes públicos, privados, eclesiásticos e os grupos de africanos e seus descendentes, a despeito dos inúmeros atritos existentes no seu interior, — atritos entre os diferentes grupos étnicos que ali conviviam, num exercício de tolerância recíproca e construindo bases comuns a todos; entre os irmãos e o vigário, que com eles disputava o controle sobre o ato religiosos e mesmo a administração da verba obtida; entre o vigário e os senhores dos irmãos cativos, que achavam que por meio destes podiam afrontar a autoridade daqueles; entre os cativos e seus senhores que porventura impedissem o bom cumprimento de suas obrigações compromissais. Configuravam, dessa forma, espaços de junção, não-disjunção, entre escravos, forros, negros livres, e os senhores e administradores da sociedade colonial, sendo especialmente propícios para o desenvolvimento de produtos culturais resultantes do encontro desses diversos grupos. (SOUZA,2002, p.233).

Os escravos ao chegarem nesse “outro” território, tiveram suas tradições culturais de origem transformadas. Contudo, nessa “nova terra” os negros se apropriaram da cultura já existente nesse espaço, realizando nela uma reconfiguração dos sentidos e significados. Logo, esse processo de miscigenação entre culturas, contribuem para o fortalecimento de uma identidade construída ao longo do tempo no território mineiro. Como ressalta Muniz Sodré (1988), em sua obra “A verdade seduzida: por um conceito de cultura no Brasil”,

É preciso deixar bem claro que não se trata jamais de uma cultura negra fundadora ou originária que aqui se tenha instalado para, funcionalmente, servir de campo de resistência. Para cá vieram dispositivos culturais correspondentes às várias nações ou etnias dos escravos entre os séculos XVI e XIX. Tais culturas já conheciam mudanças no próprio continente africano em função de reorganizações territoriais e das transformações civilizatórias

(substituições de antigos reinos e impérios por novos dispositivos políticos de natureza estatal), precipitadas pelas estruturas de tráfico de escravos montadas pelos europeus (SODRÉ, 1988, p.123).

Dentro das várias histórias em torno do Congado em Minas Gerais, a referência ao Chico Rei, personagem lendário da antiga Vila Rica, atual Ouro Preto-MG, se destaca por retratar o surgimento, a estruturação e o funcionamento das festividades de Nossa senhora do Rosário, que nos ajudam a pensar o Congado nos dias de hoje, pois muitos se apropriam da história de Chico Rei como referência ou uma própria ligação com esse personagem. De acordo com Oliveira (2003, apud Oliveira 2011),

[...] a origem das festas do Congado está ligada à Igreja de Nossa Senhora do Rosário, situada na antiga Vila Rica. Segundo a lenda, o escravo batizado com o nome de Chico-Rei, viera da África com outros membros de sua família. Na sofrida viagem rumo às Novas Terras, Francisco perdera a mulher e seus filhos, com exceção de um. Chico-Rei se instalou em Vila Rica e com o passar do tempo, com as economias obtidas no trabalho aos domingos e dias santos, conseguiu a alforria do filho. Posteriormente, obteve a própria alforria e a dos demais súditos de sua nação que lhe apelidaram de Chico-Rei. Unidos a ele pelos laços de submissão e solidariedade, adquiriram a riquíssima mina da Encardideira. Casado com a nova rainha, a autoridade e o prestígio do "rei preto" sobre os de sua raça foi crescendo. Organizaram a Irmandade do Rosário e Santa Efigênia, levantando pedra a pedra, com recursos próprios, a Igreja do Alto da Cruz. Por ocasião da festa dos Reis Magos, em janeiro, e na de Nossa Senhora do Rosário, em outubro, havia grandes solenidades típicas, que foram generalizadas com o nome de "Reisados". Nestas festas, Chico-Rei, de coroa e cetro, e sua corte apareciam lá pelas 10 horas, pouco antes da missa cantada, apresentando-se com a rainha, os príncipes, os dignatários de sua realeza, cobertos de ricos mantos e trajes de gala bordados a ouro, precedidos de batedores e seguidos de músicos e dançarinos, batendo caxambus, pandeiros, marimbas e ganzás, entoando ladainhas (2003, apud OLIVEIRA 2011, p.21/22).

CAPÍTULO 3 - O CONGADO DO RIO DAS MORTES

O distrito do Rio das Mortes tem a festa de Nossa Senhora do Rosário como um dos pontos fundamentais para a disseminação da cultura de matriz africana nesse território, que se tornou um referencial em Minas Gerais e principalmente no Campo das Vertentes.

A festa de Congado celebrou seus 336 anos de devoção a Nossa Senhora do Rosário em 2016, fazendo desse grupo um dos mais antigos de Minas Gerais em atividade, contribuindo assim, para a preservação das tradições e culturas dos mais remotos tempos, que estão sendo passados por gerações e gerações, para conservar viva a cultura desse grupo.



Figura 1: Reportagem sobre o Congado do Rio das Mortes datada de 1926
Fonte: Hemeroteca Digital

A festa do Congado no Rio das Mortes teve ao longo dos anos seu reconhecimento por meio dos noticiários de jornais, televisão, documentários, artigos de revistas, entre outros meios de comunicações. Contudo, o periódico do jornal “A Noite” do Rio de Janeiro de 1926, se destaca por ser a mais antiga reportagem sobre o Congado do Rio das Mortes, como vemos no recorte do jornal abaixo.

Na reportagem do jornal “A Noite”, é caracterizado o território do Rio das Mortes como palco de uma grande manifestação cultural realizada pelos negros, na festa do Rosário, por meio Congado. Destacando as belas paisagens das estradas que ligam o distrito do Rio das Mortes e ainda descrevendo rapidamente como era realizada a festa e como era o espaço da igreja naquela época. Nota-se ainda, por meio do registro, que os integrantes do Congado já utilizavam roupas claras nas suas apresentações, o que se mantém preservado nos dias de hoje.

Santo Antônio do Rio das Mortes é um pequeno arraial, distante duas léguas de São João d’El Rey, a cujo município pertence. Esse arraial é hoje servido por uma boa estrada de automóveis, melhoramento esse que permite ir-se de São João d’El Rey ao Rio das Mortes em vinte e cinco minutos. Durante toda a viagem o passageiro tem diante dos olhos os mais belos panoramas da terra mineira. É este excelente passeio, muito procurado principalmente nos dias de festas. O aspecto que reproduzimos é do arraial do Rio das Mortes num dia de Festa do Congado, recentemente ali realizada e na qual tomam parte principalmente os pretos da localidade. Congado de cantos e danças excêntricas, e (palavra não identificada) ingênuas e curiosíssimas. Como se vê o sino maior está separado do tempo, como era de uso nas antigas igrejas de Minas.²

No subtítulo “danças e coisas excêntricas”, a reportagem já nos leva a pensar o Congado por meio de um olhar “de fora” do grupo, caracterizando este como algo “estranho/diferente” das outras festas realizadas na sociedade. Nesse sentido, a festa do Congado é realizada através de um comportamento diferente, que é dado por meio de danças excêntricas, símbolos e ritos que são características únicas do grupo.

Quanto a sua origem, a festividade do Congado de Nossa Senhora do Rosário, surgiu no povoado do Canela — distrito do Rio das Mortes, que devido à falta de colaboração e participação das pessoas, tornou-se enfraquecida e posteriormente levando ao desaparecimento nesse território. No entanto, o Congado ressurgiu tempos depois no distrito do Rio das Mortes por meio de outro grupo familiar, mas mantendo a originalidade do grupo do Canela. E é esse mesmo grupo que atualmente realiza a festa no povoado do Canela, sendo que nesse local o grupo não possui o papel de organizador. Segundo José Roberto da Silva³,

A história do surgimento do Congado aqui é através desse povoado do Canela, mais a uma ligação muito forte, desse Congado nosso aqui, [de] ter saindo de dentro da senzala, eu te falo isso por história narrada, não tem documento, mas história narrada dos mais antigos que já passaram para a gente, muitos até já faleceram [...] Esse Congado nosso ele provavelmente saiu de dentro de uma senzala e ele tem raiz com o Congado que você já deve ter ouvido falar do Chico Rei. Chico rei era um rei negro que teve em Ouro Preto a muito tempo, veio deportado da África com sua família e aqui ele conseguiu através do trabalho em minas de

² Trecho da reportagem A festa do Congado no Arraial do Rio das Mortes. Jornal A Noite, Rio de Janeiro. 18 de março de 1926.

³ Entrevista concedida ao autor, no dia 08 de abril de 2017.

ouro comprar a liberdade, primeiro dos filhos e da esposa e por último ele comprou a dele, quando ele terminou que ele comprou a liberdade dele, ele fez a Festa de Congado. Tanto é que o nosso aqui nos tratasse de Congado por força do hábito, mais o nosso Congado aqui, por usar saiote é reinado, mas para não dar aquela polêmica com os outros grupos e tudo, aí nos fica Congado para poder ficar tudo harmonizado, pelo menos no nome não ficar diferente (José Roberto).

O congado do distrito do Rio das Mortes tem como base a participação da família do Congadeiro Geraldo Feliciano da Silva, mais conhecido como seu Geraldo Cristóvão, no qual exerceu por muitos anos o cargo de capitão do Congado, passando o posto de capitão para seu filho, José Pedro Sobrinho, apelidado como “Dezinho”, que participava ativamente no grupo desde do tempo de criança. E que depois de um longo tempo, tomando a frente do grupo, passou a função para o seu irmão Pedro Norberto da Silva, atualmente o responsável pelo grupo. Desde seu levantamento no distrito, é esta família que organiza e mantém a festa do Congado em honra a Nossa Senhora nesse território.



Figura 2: Capitão Cristóvão na década de 40, no Rio das Mortes
Fonte: Acervo da Sede do Congadeiro do Rio das Mortes

Portanto, o Congado do Rio das Mortes tem uma relação direta com a referida família; com o ressurgimento e realização da festa no distrito e nos cargos de capitães, onde se concentram as organizações e autoridades que respondem ao grupo. É a partir desse núcleo familiar do capitão Geraldo Cristóvão que se formam o Congado do Rio das Mortes, tendo como integrantes, irmãos, sobrinhos, filhos, netos, afilhados, tios e primos e amigos próximos que residem na mesma comunidade.

Comparando o registro do congado da década de 40 com a festa realizada no dos dias de hoje, percebe-se a conservação da estrutura e dinâmica do grupo, onde todos os integrantes estão com os mesmos adereços, como saiote, chapéu confeccionado com flores de papel, roupas brancas. A única diferença notada é o fato dos integrantes estarem se apresentando descalços pelas ruas do distrito.

No grupo de Congado do Rio das Mortes, os integrantes são subdivididos por faixas etárias onde participam crianças, adolescentes, adultos e idosos, apresentando assim, uma continuidade em ciclo que se renova de acordo as necessidades do mesmo, onde os mais velhos são detentores dos saberes congadeiros e responsáveis pelo comando do grupo. Através dos integrantes mais novos, o grupo se renova e ganha mais força, reafirmando no território sua existência. As crianças são garantias de que as vivências, práticas e saberes congadeiros estão protegidas de caírem no esquecimento. Vale ressaltar, que crianças e adolescentes participam de forma responsável contribuindo para o bom andamento do grupo, e que futuramente serão eles os detentores dos saberes congadeiros. De acordo com Pereira (2011),

As crianças geralmente são os filhos dos próprios tocadores, que já participam com as roupas e com instrumentos de brinquedo e seguem atrás do terno no colo de suas mães. A atitude geral é de todos brincarem com eles, já passando os passos básicos da dança e de como manejar os instrumentos. Todos se integram de maneira efetiva, não ficam de fora, e com isso já estão em um processo de aprendizagem, através da imitação e da incorporação de padrões rítmicos e corporais, através da constante exposição à brincadeira. Uma importante característica presente em situações de aprendizado em culturas orais é a que ocorre na própria situação de performance, tanto das crianças quanto dos novatos que aprendem as músicas e as coreografias executando-as, tanto nos ensaios quanto no dia da festa, onde o próprio exercício da prática é a situação de aprendizado (PEREIRA, 2011, p. 116).

A festa do Congado acontece todos os anos, reatualizado e construindo identidades e memórias desse grupo, que tem por inspiração as histórias dos seus antepassados. Os congadeiros se orgulham em participar da festa “do Rosário”, pois estar no Congado é caminhar junto com sua família, compartilhando suas histórias, seu modo de vida, rememorando seus ancestrais.



Figura 3: Transmissão dos saberes as crianças

Fonte: Rubens Lisboa, em trabalho de campo realizado no Distrito do Rio das Mortes, na festa de Nossa Senhora do Rosário, em 2016

Um ponto interessante do Congado do Rio da Mortes é seu isolamento perante os outros ternos, que é mantido por escolha dos próprios responsáveis do grupo e que é aceito pelos outros congadeiros. Embora recebam muitos convites para participarem das festas do Rosário em outras cidades vizinhas, raramente o grupo aceita o convite. Ao questionar o motivo de não se relacionar com outros grupos, José Roberto relata que o motivo é:

[...] devido o tipo de instrumentos deles e os nossos. O nosso instrumento é instrumento mais harmônico, é violão, sanfona, cavaquinho, muitos grupos de Congado, claro cada um tem a sua característica, não estou falando disso, eu estou dizendo que devido o barulho, nosso Congado não sobressai, por exemplo um Congado com 15, 16 caixa de guerra, nós com duas caixas só, de couro cru, não vamos sair, então esse é um motivo da gente não sair muito. E outra coisa: também tem o pessoal que trabalha fora né, temos crianças que tem de levar a mãe para acompanhar, é uma logística muito grande, tem gente de bastante idade, então é muito complicado para a gente e é muita gente e tudo é que muito você sabe que dá trabalho, e nós não temos ajuda de ninguém aqui assim, ajuda que eu falo é de logística (JOSÉ ROBERTO)⁴.

No interior das cidades, a festividade religiosa reconfigura todo o espaço, como é o caso do distrito do Rio das Mortes, que apresenta um grande clima festivo que modifica a dinâmica

⁴ Entrevista concedida ao autor, no dia 08 de abril de 2017.

local, onde a normalidade da rotina é interrompida para se vivenciar um novo tempo festivo que possui por mediadora a fé, recriando nesse local um tempo sagrado.

A festa em honra a Nossa Senhora do Rosário atrai diversas pessoas para a tradicional festa do Congado. Tal festividade é marcada pela presença de grupos familiares e visitantes que possuem grandes vínculos afetivos com esse espaço. A população durante o dia da festa de Nossa Senhora, dá a esse território um caráter marcado pela alegria, pelo compartilhamento das vivências e saberes. É um momento de festa e celebração na comunidade. Como afirma Carmo 2008,

A festa, e todos os seus múltiplos sentidos, faz parte da vida do brasileiro. É uma prática social cujo itinerário percorrido no país se estabeleceu desde os tempos do Brasil-Colônia. Festejar e rezar se transformaram em práticas de sociabilidade, que mesclam, vida, fé e festa. Tanto é que, ainda hoje, as agruras do cotidiano e a labuta diária, em especial a dos brasileiros, são revigoradas através dessas comemorações, pois festejar é um ato coletivo que aproxima seus sujeitos sociais e impõe ritmos diversos à vivência das pessoas (CARMO, 2008, p.71).

O Congado imprime no território uma dinâmica própria, que é perceptível no território, durante a realização da festa de Nossa Senhora do Rosário. Essa dinâmica se configura por meio das relações sociais e pelos espaços sagrados e profanos, que são construídos ao longo dos tempos.

O congado do Rio das Mortes não apresenta relações com a irmandade de Nossa Senhora do Rosário, mas com a Igreja local, onde essa é responsável somente pela marcação da data da festa, sendo que todo o restante da festa é organizado de forma autônoma pelos congadeiros. Segundo o Congadeiro José Roberto da Silva, mais conhecido como Zé Roberto, a festa acontece de acordo o calendário paroquial, geralmente no mês de outubro. E afirma ainda que os congadeiros não possuem nenhum problema com a igreja para a realização da festa, deixando bem claro que o momento essencial e mais importante para o grupo, no dia de Nossa Senhora do Rosário, é a participação na missa e a procissão, o resto acontece se tiver jeito. Esse momento espiritual dos congadeiros, realizado na igreja, é motivo do grupo conservar sua festa somente no distrito. Segundo José Roberto,

Muitas das vezes a gente é convidado para a festa em outros grupos de congado em outros distritos e lugares e a festa é só na rua, nosso congado gosta de sair, sempre foi assim, [...], mas a primeira coisa do dia para nós é assistir à missa, você entendeu, aí a gente é convidada para uma festa, e só vai ficar na rua, então já foge também os nossos costumes e nossas tradições, então já vai perdendo aquele objetivo, essas turminhas mais nova não entende isso (JOSÉ ROBERTO)⁵.

⁵ Entrevista concedida ao autor, no dia 08 de abril de 2017.

A relação da igreja local com o Congado do Rio das Mortes é dada, pelo que pudemos constatar, por uma forma aparentemente harmoniosa e sem conflito, sendo a festividade é realizada tanto pela ajuda do pároco local, quanto pelos congadeiros. Se, para fins comparativos, considerarmos outros grupos de Congado de São João Del-Rei, vemos que a relação entre essas duas partes não ocorre de forma harmoniosa, como é o caso dos bairros São Geraldo e São Dimas, nos quais realizei trabalho de campo em setembro de 2016. Sobre esta questão, Lucas (2006) afirma:

O estreitamento das relações entre os congadeiros, que se reconhecem como católicos, e a igreja, por exemplo é recente, marcado tanto por cooperações, quanto por tensões e incompreensões que vêm imprimindo mudanças e provocando novas estratégias de resistência. Além disso, nem todos os representantes da Igreja Católica lhe são favoráveis, o que tem sido motivo de conflitos em festas de várias comunidades (LUCAS, 2006, p. 80).

Em sua história, o Congado do Rio das Mortes apresenta referências africanas, enquanto elementos afirmativos de sua identidade, como é o caso da figura de Francisca de Paula de Jesus⁶, conhecida como “Beata Nhá Chica” filha e neta de escravos, tendo nascido no distrito do Rio das Mortes e que os congadeiros possuem bastante devoção e orgulho de serem conterrâneos a ela.

Outra referência é a figura de Chico Rei, negro do Reino do Congo trazido para o Brasil como escravo, e que após comprar sua liberdade e da família, realizou uma festa para comemorar sua coroação como rei negro, com a presença da rainha negra e a sua corte em ricas indumentárias, seguido por músicos e dançarinos.

Sendo assim, a cultura afro-brasileira é nítida na festividade do Rosário no Rio das Mortes, sendo ela evidenciada durante os diversos momentos realizados através do congado, como a alvorada festiva, chegada do grupo de congado, saudação ao ancestrais no cemitério, busca dos reis e rainhas pela comunidade e posse dos mesmos, procissão de N. S. do Rosário, como analisaremos detalhadamente abaixo.

⁶ Francisca de Paula de Jesus nasceu em meados de 1810 em Santo Antônio do Rio das Mortes, distrito de São João Del-Rei – Minas Gerais. O primeiro registro que se tem de sua vida foi o atestado de batismo em 26 de abril de 1810.

3.1. Caracterização geográfica do Rio das Mortes

O Distrito de Santo Antônio do Rio das Mortes Pequeno também conhecido como Rio das Mortes, pertence ao município de São João del-Rei – Minas Gerais. Situado no Campo das Vertentes, o distrito está localizado a 10 quilômetros da cidade de São João del-Rei, pelo BR-265, sentido sul de Minas Gerais. Sua população, segundo o IBGE (2000), era de 2.586 habitantes.



Figura 4: Área do Rio das Mortes delimitada em vermelho e o povoado do Largo da Cruz delimitada de amarelo

Fonte: Google Earth

Ao longo do tempo, o distrito teve sua nomenclatura alterada por algumas vezes, “como quando, por exemplo, passou a se chamar Rio das Mortes ainda na década de 1930 – até, por fim, em 2007 ser intitulado como Santo Antônio do Rio das Mortes ” (Silveira, 2014). Seu nome foi dado por meio da junção do nome do santo padroeiro e o nome do rio que atravessa o distrito.

O Rio das Morte apresenta uma peculiaridade em questão da delimitação territorial, onde o distrito está subdividido em povoados, considerados rurais, como nos casos da comunidade do Largo da Cruz, Goiabeiras e Canela. Cabe ressaltar que a maioria dos congadeiros residem na comunidade Largo da Cruz.

Entrando no contexto entre o “urbano” e o “rural” é interessante perceber que a delimitação entre Rio das Mortes (área considerada urbana pelos moradores) e a comunidade Largo da Cruz (considerada rural) é representada simplesmente por uma ponte, sendo que essa delimitação é também formulada por meio do “pertencimento” de cada morador deste distrito.

De acordo com Gomes (2015),

O distrito de Santo Antônio do Rio das Mortes Pequeno possui uma peculiaridade em relação aos demais. Para os moradores, o distrito se distingue entre o que eles chamam de “centro” e de “rural”. O centro, para os moradores, é onde acontecem às relações de maior contato, compras e prestação de serviços, e que todas estas se encontram próximas umas das outras em um determinado local no distrito. [...] o que faz com que essas áreas sejam áreas rurais é, justamente, o fato de não possuírem: casas umas próximas às outras – e a própria distância em que se localizam em relação ao centro do distrito (GOMES, 2015, p. 130 /131).

Assim, é interessante destacar que a fragmentação territorial presente no Rio das Mortes é fruto das atuações dos próprios habitantes desse território, pois a população é que denomina o que é considerado “urbano” e “rural” e o que os distingue. Segundo Silveira (2014),

O fato de existir povoados que recortam o distrito, faz com que se lembre de uma cidade cortada por bairros, o que chama bastante atenção por serem características encontradas em um distrito de um município - um distrito um tanto quanto pequeno. O motivo de esses povoados serem considerados zona rural pelos moradores de uma parte do distrito – que se consideram urbanos – é ainda mais curioso e precisa ser analisado com mais profundidade (SILVEIRA, 2014, p. 824).

3.2. Elementos e personagens do Congado

O Congado do Rio das Mortes destaca-se por preservar em atividade a participação do *mouro*. Esse personagem em muitos lugares encenam a guerra dos mouros e os cristãos. Entretanto, no distrito esse personagem toma outro significado durante a festa, que dá a esse grupo uma característica única e própria perante aos outros. Segundo relato do congadeiro José Roberto, o *mouro* representa o mal que existe na sociedade, demonstrando ser uma pessoa invejosa. Porém, no distrito o seu significado é transformado, para não tornar pesado sua interpretação para o público.



Figura 5: O mouro durante a apresentação na festa do Rosário

Fonte: Rubens Lisboa, em trabalho de campo realizado no Distrito do Rio das Mortes, na festa de Nossa Senhora do Rosário, em 2016

O mouro no distrito tem a função de retirar a coroa do rei e da rainha e apresenta também um papel de divertir a comunidade durante a festa, realizando brincadeiras com o público, como por exemplo, correr atrás das crianças, passar a espada entre as pernas dos mais velhos, lutar com os cercadores, entre outras práticas lúdicas.

Juntamente com o mouro no distrito do Rio das Mortes, surgem os *cercadores*, que tem a função de proteger a coroa do rei e rainha, evitando que o *mouro* a retire. Sua diferenciação, em relação ao *mouro*, está em suas vestimentas e atuação na festa, onde a roupa do mouro é toda vermelha e a dos cercadores variam entre as cores vermelhas e azuis. Segundo Silva (2009) o *mouro* é,

Um personagem que acompanha o “Congado de N. Sra. Do Rosário” do distrito do Rio das Mores. São dois, eles usam roupas vermelhas e um capuz também vermelho, deixando apenas sua face. Utilizam uma espada, que segundo contam, foi feita por descendentes de escravos, com esta espada e madeira os moursas “correm atrás das crianças e demais pessoas durante a Festa de N. Sra. Do Rosário nesse distrito. É comum “os moursas” chegarem por trás de alguém distraído durante o festejo e, colocar a espada entre as pernas da pessoa, este a levanta a uma altura considerável. Ao fim da festa, quando o terno busca os Reis congos que estavam diante à igreja para assistirem à missa e realizarem suas doações, os levam para suas casas. Neste instante, marcado por toques, cantigas e danças diferenciadas executadas pelo terno,

os Mouras tentam com a espada, retirar a coroa dos reis, sendo impedidos por uma quantidade razoável de pessoas [...]. Algumas vezes, “*os mouras*” obtêm sucesso, levando então a espada para o alto. Todo o trajeto, da Igreja até o local onde se levam os reis é marcado pelo acompanhamento de grande parcela da população local (SILVA, 2009, p.54).

Um símbolo muito importante para os congadeiros é a bandeira, que através da qual o grupo se identifica e representa também uma forma de proteção para os congadeiros. A bandeira caminha sempre à frente do grupo abrindo os caminhos e guiando durante as apresentações. Ele sempre contém a imagem do santo ou santa de proteção do grupo e às vezes apresenta o nome da guarda e a cidade ou comunidade.



Figura 6: O comandante da bandeira – Geraldo

Fonte: Rubens Lisboa, em trabalho de campo realizado no Distrito do Rio das Mortes, na festa de Nossa Senhora do Rosário, em 2016

Durante a festividade, percebe-se um grande respeito das pessoas ao saudar a bandeira, dando a essa um valor sagrado. Também para as crianças a bandeira é considerada um símbolo importante, fazendo parte da prática o cumprimento como forma de respeito, como se

estivessem cumprimentando toda a guarda congadeira. A saudação realizada consiste em um toque seguido do sinal da cruz, ou um beijo.

Portanto, a bandeira é uma marca identitária, uma representação simbólica do grupo que sem sua presença o terno não se apresenta. Ela está sempre à frente do Congado, realizando a transição do espaço profano para o sagrado.

Atrás da bandeira é o capitão que comanda o grupo, dando a este a responsabilidade de direcionar os caminhos da festa, estando atento à disciplina do grupo, bem como sua harmonia e estrutura. O capitão do Congado do Rio das Mortes fica à frente do grupo por muitos anos e é passado o posto entre os próprios familiares. Geralmente, o capitão é o homem mais velho do grupo e que detém o saber congadeiro, com suas práticas, ritos e símbolos. No distrito, esse se diferencia do restante do grupo por usar o saiote na cor verde e carregar consigo o bastão feito em madeira e enfeitado por fitas de diversas cores e o apito que dá o sinal para os outros congadeiros.



Figura 7: Capitão Pedro no comando do grupo do Rio dias Mortes

Fonte: Rubens Lisboa, em trabalho de campo realizado no Distrito do Rio das Mortes, na festa de Nossa Senhora do Rosário, em 2016

Os reis e as rainhas do Congado no distrito do Rio das Mortes, são escolhidos a cada ano de acordo com a quantidade da contribuição financeira oferecida, esses mesmo não possuem nenhum papel de liderança religiosa, são pessoas da própria comunidade que manifestam o interesse de fazer parte da corte. A função do rei e da rainha é de servirem o lance ao congadeiros durante o dia da festa, sendo que um fica responsável pelo almoço e outro pelos lanches durante o dia. Durante o processo de coroação, o padre abençoa as coroas que são colocadas na cabeça dos que foram destinados. Sobre isto, José Roberto, em entrevista, afirmou:

A primeira coroa dá o almoço do dia, da reunião aqui no dia da festa é pôr do primeiro rei e na mesa dá uma esmola representativa, que dizer que a primeira coroa a pessoa tende de estar assim mais preparada e tende de ter assim uma preparação melhor, porque você vai fazer um compromisso esse ano para o ano que vem, então você já deve ter um plano, vai fazendo alguma coisa, uma economia e tal [...] e a segunda coroa é o lanche, que é o café da tarde, que é a hora que a gente chega com as coroas na igreja e a gente vai tomar o café, por conta da segunda coroa (JOSÉ ROBERTO)⁷

A coroação de reis e rainhas do Congado do Rio das Mortes se diferencia dos outros ternos de congados das regiões do Campo das Vertentes por não possuírem cortes perpétuas que exercem uma liderança no grupo. Vale destacar que o processo de posse dos reis e rainhas é um momento importante dentro na manifestação cultural do Congado, pois nesse processo ocorre interação entre os congadeiros e a população. É um momento em que todos participam do Congado.

3.3. Momentos anterior ao dia maior

Durante todo o ano, os congadeiros do Rio das Mortes já se preparam para a realização da festa, onde os mesmos se reúnem na sede dos congadeiros, localizada na comunidade do Largo do Cruz, aproximadamente dois quilômetros da área urbana do Rio das Mortes. O local é o lugar do encontro e atividades dos sujeitos que dão forma e vida a festa do Rosário. A sede também é espaço para a realização de outras funções na comunidade, como catequese das crianças e a conferência, sendo esse espaço emprestado aos congadeiros, pois o mesmo pertence à conferência da comunidade. O espaço para os congadeiros será construído no andar acima da sede atual.

⁷Entrevista concedida ao autor, no dia 08 de abril de 2017.



Figura 8: Sede dos congadeiros no povoado do Largo da Cruz

Fonte: Rubens Lisboa, em trabalho de campo realizado no Distrito do Rio das Mortes, no dia 08 de abril de 2017

Os ensaios acontecem durante meses antes da festa, sendo momentos de experimentar o sentido e a dinâmica da festa pelo território do Rio das Mortes. Durante os ensaios, os membros do grupo têm a oportunidade de aprender a manusear os instrumentos e conhecer os trajetos percorridos durante a festa, momento de acostumar o corpo para o dia especial da festa. Os ensaios dão aos congadeiros o primeiro contato com território, onde cada ponto e momento específico do território é marcado por uma musicalidade entoada pelo grupo.

Outro momento realizado é o recolhimento de esmolas e donativos para a festa, onde alguns membros do grupo passam nas casas da comunidade pedindo contribuição para a festa. Já que o grupo não recebe ajuda financeira de instituições públicas e da igreja local, são os próprios congadeiros que arrecadam uma certa quantia que é destinada ao pagamento das despesas da festa, como a ornamentação da igreja, a alimentação dos congadeiros, entre outras coisas.

O levantamento do mastro de nossa senhora é uma prática muito realizada nas pequenas cidades do interior, prática essa que acontece no Rio das Mortes uma semana antes do dia maior. Esse evento é um marco importante para os congadeiros, pois demarca o começo da festa, em que a mesma é abençoada por nossa senhora do Rosário, dando início ao tempo sagrado no território do Rio das Mortes. De acordo com Katrib (2009), o levantamento do mastro

É um momento que sintetiza muito mais do que devoção oficial de uma cidade a Nossa

Senhora do Rosário. O levantamento do mastro é entendido na pesquisa como sendo um momento simbólico muito significativo, principalmente para o congadeiro, pois personifica a demarcação do território sagrado da Festa (KATTRIB, 2009, p.99).

O ato inicial é a benção do mastro e a bandeira pelo padre da comunidade e, logo em seguida, os mesmos são erguidos pelos congadeiros, aos sons do sino, instrumentos musicais do grupo e foguetes. Desde que o mastro é levantado, os congadeiros durante uma semana vivenciam momentos religiosos, onde recitam os terços, participam de missas e orações de tríduo preparatório.

3.4. Momentos do Dia Maior

O dia maior em honra a nossa senhora do Rosário inicia-se à meia noite do domingo, e tem em seu primeiro momento a alvorada festiva, uma tradição histórica que acontece nas igrejas das pequenas cidades. A alvorada é o aviso de que algo bom está acontecendo - é momento de festa na comunidade.

A alvorada no Distrito do Rio das Mortes nos remete à história da festa na senzala, que o congadeiro José Roberto narra como o único momento em que os escravos poderiam aproveitar seu dia de folga, quando cantavam e dançavam ao som dos batuques. Assim como acontecia na senzala, o dia maior da festividade no Rio das Mortes tem duração de apenas 24 horas, com a presença do grupo de Congado que se apresenta em diversos momentos da festa.

A alvorada perdura durante a madrugada, quando os membros dos grupos andam pelas ruas da comunidade, cantando e dançando, e sendo acompanhados pela população e visitantes. No amanhecer, os congadeiros retornam para suas casas para descansar, preparando-se para o próximo momento, que é a chegada dos congadeiros para a missa que acontece às 12 horas do domingo.

Os congadeiros se reúnem novamente pela manhã em sua sede, no Largo da Cruz, para iniciar mais uma etapa da festa, que é a missa - certamente, um dos momentos mais importância para o grupo. O Congado sai da sede em sentido a igreja, sempre acompanhado pela bandeira de nossa senhora do Rosário, que vai à frente do grupo, acompanhado pelos sons dos instrumentos e cantos entoados pelo terno. Um momento interessante durante o trajeto é a

realização de uma “meia volta” a cada esquina. Vale ressaltar que cada congadeiro tem que seguir um comportamento que é igual para todos, que é apresentar suas roupas limpas, juntamente com o saiote, levar um terço que é um símbolo de proteção e ficar bem atento a evolução do grupo.

Ao chegarem na igreja, os congadeiros fazem uma volta pelo mastro e cantam uma música específica para reverenciar o mesmo. Em seguida, encaminham para a porta do cemitério para fazer uma saudação aos que já se foram sendo esse momento uma ligação muito forte com os antepassados dos congadeiros que estão sepultados nesse local. A morte é representada como uma forma de igualdade entre as pessoas, definindo-se, no imaginário dos congadeiros, como o reencontro com os antepassados que estão no céu, juntamente de Nossa Senhora do Rosário. Através dos mortos, os congadeiros mantêm vivos os laços afetivos que para eles não se rompe com a morte.



Figura 9: Saudações dos congadeiros aos seus antepassados

Fonte: Rubens Lisboa, em trabalho de campo realizado no Distrito do Rio das Mortes, na festa de Nossa Senhora do Rosário, em 2016

Em seguida, o grupo se encaminha para a entrada da igreja, dando início à santa missa, momento mais importante para o grupo, onde participam com muito respeito e fé, nesse templo por eles considerado sagrado. Ao adentrarem na igreja, os congadeiros retiram os saiotes e os chapéus revestidos de flores, e assistem à missa realizada por intenção dos congadeiros vivos e falecidos da comunidade. A cerimônia acontece em sua forma tradicional, sem a presença dos instrumentos do congado, porém participam das liturgias e do ofertório.

No final da celebração, o pároco dá a bênção final e os congadeiros saem para o adro da igreja para vestirem seus saiotes, os chapéus e pegar os instrumentos que ficam guardados em uma casinha na área da igreja, que fica repleta de pessoas, aguardando o momento da entrada dos congadeiros, momento este muito esperado pela população.



Figura 10: Apresentação no interior da igreja de Santo Antônio

Fonte: Rubens Lisboa, em trabalho de campo realizado no Distrito do Rio das Mortes, na festa de Nossa Senhora do Rosário, em 2016

Ao retornarem novamente para a igreja, já com todos os adereços pelo corpo, os congadeiros entoam alguns cantos específicos ao redor do andor de Nossa Senhora do Rosário, que fica todo ornamentado por rosas. Nota-se que dentro da igreja ocorre o compartilhamento do saber dos mais velhos, pois além de cantar, eles repassam o bastão para alguns membros mais novos dos grupos, dando-lhes a oportunidade de puxarem algumas músicas.

Uma curiosidade notada durante o nosso trabalho de campo, no momento do cortejo,

diz respeito às funções da musicalidade do grupo. Além de animar o evento, cada música entoada, por meio de sua letra, informa os próximos passos que serão dados à frente, e também remete a certos pontos que marcam o território do Rio das Mortes. Como exemplo, pode-se mencionar o caso da ponte que divide a comunidade do Largo da Cruz e a área urbana do Rio das Mortes, tendo está uma música específica, cantada só nesse local.

Ao encerrar a apresentação na igreja, o grupo sai pelas ruas do distrito para iniciar as buscas aos reis e às rainhas, momento esse que demanda bastante tempo, pois são muitos os interessados e eles moram em pontos distintos do território. No caminho, o grupo entoa músicas relacionadas aos reis e rainhas. Nas casas, os moradores aguardam a passagem da bandeira de Nossa Senhora do Rosário, recebida por moradores com muito respeito. Durante o cortejo, a bandeira é encaminhada em algumas casas, onde as famílias a recebem com uma esmola. Na ocasião, é comum que o grupo entre com a bandeira em cada cômodo da casa, sendo este ato considerado um sinal de purificação e benção para os que ali moram.

Quase no final do cortejo em busca dos reis e rainhas as ruas ficam tomadas por pessoas que acompanham o corte. Os reis e as rainhas do ano caminham sempre à frente, com suas coroas douradas, que nos remetem ao ouro, e vestidos de capas que foram confeccionados para eles, enquanto o restante do povo que não foi eleito caminha atrás com coroas pratas, como é possível observar na imagem abaixo.



Figura 11: Integrantes do Congado reverenciando a corte

Fonte: Rubens Lisboa, em trabalho de campo realizado no Distrito do Rio das Mortes, na festa de Nossa Senhora do Rosário, em 2016

Ao finalizarem as buscas do reinado, os congadeiros encaminham o rei e a rainha para o adro da igreja, onde estes passarão a coroa para os próximos do ano seguinte. Na ocasião, são mencionados os nomes de cada rei e rainha, juntamente com o valor em dinheiro que contribuiu para a festa. Durante a leitura de cada nome, a banda de música entra no lugar do grupo do Congado que tem a função de tocar músicas para cada participante citado no adro da igreja, onde cada participante recebe uma música que é entoada variando a duração e ritmo de acordo com a doação realizada. Esse momento acontece a cada batida do sino pequeno, onde o responsável pela cerimônia grita “Viva o(a) rei(rainha) que contribuiu com R\$ X reais!” , e a banda entoa a música.

Enquanto na igreja acontece a coroação e as bênçãos dos reis e das rainhas, os congadeiros caminham cantando pelas ruas, até chegarem na casa onde é oferecido o lanche da tarde, nesse momento de comunhão entre congadeiro e os moradores, sendo marcado por muita fartura de alimentos e refrescos. Nas casas, os moradores oferecem cachaça aos congadeiros, devendo esta ser consumida com total responsabilidade para não comprometer o bom andamento do grupo. Nesse contexto percebe-se a delimitação entre os espaços sagrados e os espaços profanos.

Após essa pausa de descanso, os congadeiros retornam para a igreja para participarem da Procissão de Nossa Senhora, momento este muito importante para os integrantes, onde juntamente com a comunidade eles seguem em cortejo, demonstrando sua fé e devoção. No momento da procissão, a população segue sempre em frente ao andor de Nossa Senhora do Rosário, que em determinados momentos é carregado pelos congadeiros. A banda de música acompanha todo o trajeto da procissão entoando músicas tradicionais da igreja pela rua central do distrito. Nessa parte da festa é claramente percebido o hibridismo entre as tradições europeias e afro-brasileiras.

Após a procissão, o congado retorna para festa com a responsabilidade levar o rei e a rainha para a casa das coroas, sendo este momento muito esperado pela comunidade e visitantes que acompanham a festa. A partir desse momento, a cerimônia se torna mais agitada e descontraída, iniciando-se a alegoria na qual o *mouro* tenta derrubar as coroas do rei e da rainha com uma espada e os cercadores tentam protegê-las. A cada ataque, as pessoas vibram muito, enquanto que a cada defesa do ataque do mouro, a população celebra e quando os cercadores não conseguem, esses recebem bastantes críticas.



Figura 12: Batalha do mouro e os cercadores

Fonte: Rubens Lisboa, em trabalho de campo realizado no Distrito do Rio das Mortes, na festa de Nossa Senhora do Rosário, em 2016

Durante todo o trajeto do grupo, o congado “vai e volta” pela rua do distrito, o que significa que a festa está acabando e, com esse movimento, os congadeiros demonstram que não querem que o fim da festa. Durante o percurso, o grupo demonstra uma energia que é percebida pela batida dos instrumentos e do movimento corporal dos congadeiros, que pulam, caem e rolam pelo chão.

Ao retornarem para a igreja, acontece o encerramento da festa, com a queima de fogos de artifício, iluminando o quadro de Nossa Senhora do Rosário, ao som de músicas e instrumentos do congadeiros. Terminado as homenagens no adro da igreja, os congadeiros retornam para a sede do grupo. Atravessada a ponte, encerra-se a festa.

3.5. Territorialidades da festa

O território como base material dá forma à festa de Nossa Senhora do Rosário, onde as territorialidades da festa surgem durante o evento, tornando-o mais atraente para a população e os visitantes que vivem esse tempo festivo. Após o término da festa o espaço é utilizado para outras atividades em outros momentos do ano, surgindo outras territorialidades diferentes do

universo da festa do Congado, deixando claro as alternâncias das territorialidades durante todo o ano.

Na festividade do Congado a fragmentação territorial é dada semanas antes do momento festivo, contribuindo para o surgimento das múltiplas territorialidades da festa, sejam elas nos seus espaços sagrados ou nos espaços profanos. Essas novas configurações dadas ao território durante a festividade são formadas por meio do rompimento da rotina cotidiana vivida pela comunidade, para gerar temporariamente nesse território um novo momento e utilidade de acordo com as necessidades da festa.

O espaço urbano do distrito do Rio das Mortes, “lócus” do acontecer festivo, é previamente preparado para a realização da festa, onde ocorre uma delimitação territorial configurada por meio de categorias que são visíveis durante a festa. O espaço sagrado é compreendido pela área delimitada ao entorno da igreja. Na área externa da igreja, os espaços são para pontos de barracas instaladas para fins comerciais durante o período festivo, como para a venda de alimentos, bebidas, brinquedos e atrativo de diversão. Este espaço é territorialmente construído para os dias das festas, voltando a ter seu uso comum após o encerrado o tempo festivo do Congado.



Figura 13: Divisão do território: espaço sagrado e comércio

Fonte: Rubens Lisboa, em trabalho de campo realizado no Distrito do Rio das Mortes, na festa de Nossa Senhora do Rosário em 2016

A igreja e o grupo do Congado local revezam nas tarefas e responsabilidades para o desenvolvimento organizacional da festa, sendo que a responsabilidade maior fica por conta do grupo do Congado. Nessa organização da festa, as territorialidades surgem para melhor atender as necessidades do evento e para proporcionar aos visitantes e população um conforto nesse espaço da festa. O surgimento de territorialidades flexíveis no território são bastantes nítidas nas festas religiosas em áreas rurais, onde toda uma estrutura é construída durante os dias dos eventos.

Outra territorialidade que surge no espaço é construída por meio da procissão de Nossa Senhora do Rosário, que mobiliza grande parte da comunidade e visitantes, sendo esta definida pelo sagrado. Esse cortejo é marcado pelo simbolismo em nome de Nossa Senhora do Rosário, momento no qual todos se tornam iguais e às distinções sociais se desconstroem diante da identidade religiosa e cultural nesse momento sagrado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A importância de apresentar o Congado do Rio das Mortes como a principal linha deste estudo é a de vocalizar seus personagens, considerando elementos da história do grupo e de sua comunidade, que os congadeiros se orgulham em pertencer. O Congado se constitui a principal prática cultural do Rio das Mortes, contribuindo fortemente para a construção identitária dessa comunidade e para a preservação da história do seu povo. Ao partir de um embasamento interdisciplinar, tendo como princípio temas relacionados à Geografia, foi possível compreender melhor a dinâmica da realidade vivenciada nos dias da festa do congado, assim como no dia a dia do congadeiros, permitindo conhecê-los melhor.

O caráter afro-brasileiro do Congado fica claramente evidenciado no processo da realização da festa do Rosário do Rio das Mortes, seja pela forte devoção dos congadeiros à Nossa Senhora do Rosário, seja no modo como se expressam os cantos, danças e saudações.

O grupo do Congado do Rio das Mortes revaloriza a cada ano a tradição cultural deixada pelos seus antepassados, criando no território um espaço religioso que possui por base a fé e devoção a Nossa Senhora do Rosário. Esse espaço, no decorrer da programação da festa, ganha sentidos e significados próprios e únicos para os moradores, que vivenciam, nos distintos momentos do evento, a combinação entre o universo do sagrado e do profano.

O entendimento dos distintos momentos e múltiplos significados da festividade do Rosário é um considerável desafio, pois demanda bastante atenção à complexidade dos elementos que compõem a festa, bem como os sentidos das falas dos congadeiros, nos diálogos e entrevistas realizados ao longo da pesquisa. Ao mesmo tempo, a profundidade das informações obtidas depende diretamente da aceitação do pesquisador pelo ao grupo, na medida em que os congadeiros detêm todos os ensinamentos e saberes do Congado.

A cultura afro-brasileira é bastante nítida na festividade do Rosário no Rio das Mortes, sendo ela evidenciada durante os diversos momentos realizados através do congado, como a alvorada festiva, levantamento do mastro de Nossa Senhora, saudações ao ancestrais no cemitério, busca dos reis e rainhas pela comunidade e sua coroação, entre outros momentos rituais, bem como por meio do canto, dança, instrumentos e vestimentas. Vale destacar ainda a forte relação que o grupo do Congado possui com os tempos do cativo, lembrados na festa, onde os congadeiros recriam sentidos associados à memória da escravidão.

A pesquisa realizada no distrito do Rio das Mortes demonstrou que o território pode ser considerado muito além do seu caráter político, evidenciando-se, ali, um forte caráter cultural, principalmente quando os sujeitos sociais se expressam por meio do Congado. Em função disso, o estudo buscou compreender, por meio dessa manifestação, a organização e distribuição desta cultura pelo território da festa do Congado, ressaltando a historicidade do grupo e o contexto ao qual está inserido, destacando a significação e os momentos da festa, nas perspectivas geográfica e cultural, sendo estas fundamentais para o entendimento deste local.

Além disso, buscou-se compreender a identidade presente no lugar onde é realizada a festa, considerando a dinâmica e o movimento dos congadeiros no espaço, ao longo de sua realização, identificando-se os significados e valores para os congadeiros e população.

Assim, conclui-se que a festa do Congado, realizada no distrito do Rio das Mortes, não existe por si só, constituindo-se um fruto das relações sociais e culturais construídas diariamente, desde da época do cativo e pelas histórias vivenciadas pelos congadeiros ao longo dos anos. Tal manifestação cultural ainda se mantém viva atualmente por meio desses sujeitos, que celebram sua devoção a Nossa Senhora do Rosário todos os anos. A festa do Congado se materializa, assim, no território como uma luta para a preservação da memória de um passado que se projeta no presente, contribuindo para a conservação cultural local e identitária deste povo. Portanto, o congado do Rio das Mortes se destaca como parte da luta diária de resistência daqueles sujeitos, que buscam, pela memória da cultura afro-brasileira, manter viva sua identidade, preservando sua tradição.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1998.
- CARLOS, Ana Fani A. **O Lugar no/do Mundo**. São Paulo: FFLCH, 2007.
- CARLOS, Ana Fani. **O Espaço Urbano: Novos Escritos Sobre a Cidade**. São Paulo: FFLCH, 2007.
- CARMO, Luiz Carlos do; MENDONÇA, Marcelo Rodrigues (Orgs.). **As congadas de Catalão: as relações, os sentidos e valores de uma tradição centenária**. Catalão: UFG, 2008.
- CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**. Tradução. Klauss Brandini Gerhardt, São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. **Introdução à geografia cultural**. 2.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.
- CLAVAL, Paul. **O território na transição da pós-modernidade**. GEOgraphia, ano I, nº2. Rio de Janeiro, 1999.
- CLAVAL, Paul. **A geografia cultural**: Tradução de Luiz Fugazzola Pimenta e Margareth de Castro Afeche Pimenta. 3. ed. Florianópolis: UFSC, 2007.
- ECO, Umberto. **Como se faz uma Tese**. 13^a ed. Editora Perspectiva: São Paulo 2007.
- GOMES, Ivair; FERREIRA, Arlon. C.; SILVEIRA, Ana C. C.; RESENDE, Fernanda C. **Comunidades Rurais (mas nem tanto): proposta de definição de critérios para diferenciação rural-urbana**. Revista GEOgrafias, v. 11, p. 122-137, 2015.
- HAESBAERT, Rogério. **O mito da desterritorialização: do fim dos territórios à multiterritorialidade**. 7.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.
- _____. **Territórios alternativos**. 3.ed. São Paulo: Contexto, 2012.
- _____. **Dos múltiplos territórios à multiterritorialidade**. Porto Alegre: UFRGS, 2004.
- KATRIB, Cairo Mohamad Ibrahim. **Foi assim que me contaram: recriação dos sentidos sagrados e profanos do Congado na Festa em Louvor a Nossa Senhora do Rosário (Catalão-GO - 1940/2003)**. Tese (Doutorado em História) - Universidade de Brasília, Brasília, 2009.
- LEFEBVRE, Henri. **A vida cotidiana no mundo moderno**. São Paulo: Ática, 1991.
- LUCAS, Glaura. **Diferentes perspectivas sobre o contexto e o significado do Congado Mineiro**. In TUGNY, Rosângela P. de; QUEIROZ, Rubens C. de. (Org.). **Músicas africanas e indígenas no Brasil**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.
- HALL, Stuart. **Da Diáspora: Identidades e Mediações Culturais**. Liv Sovik (org); Trad. Adelaine La Guardia Resende. Belo Horizonte: Editora UFMG 2003.
- MACEDO, Robson. **Congada de Catalão**. Catalão - Goiás: Talento, 2007.
- OLIVEIRA, Claudia Marques de. **Cultura afro-brasileira e educação: significados de ser criança negra e congadeira em Pedro Leopoldo**. Dissertação (Pós-graduação em Educação: Conhecimento e Inclusão Social) – UFMG. Minas Gerais. 2011.
- PEREIRA, André Luiz Mendes. **Um estudo etnomusicológico do congado de Nossa Senhora do Rosário do Distrito do Rio das Mortes, São João del-Rei**. Dissertação (Mestrado em Música) – Universidade Federal de Minas Gerais, Minas Gerais. 2011.
- PRANDI, Reginaldo. **As religiões negras do Brasil: Para uma sociologia dos cultos afro-brasileiros**. São Paulo: Revista USP nº28: 64-83, Dez/Fev 95/96.

- RAFFESTIN, Claude. **Por uma geografia do poder**. São Paulo: Ática, 1993.
- ROSENDAHL, Zeny. Espaço, cultura e religião: Dimensões de análise. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. **Introdução à geografia cultural**. 2.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.
- SANTOS, Milton. **O Dinheiro e o Território**. GEOgraphia, América do Norte n 1, set. 2009.
- SAQUET, Marcos Aurélio. Por uma abordagem territorial. In; SAQUET, Marcos Aurélio; SPOSITO, Eliseu Savério. **Territórios e territorialidades: Teorias, processos e conflitos**. São Paulo: Expressão Popular, 2009.
- SILVA, Daniel Albergaria Silva. **Os ternos de congado em Minas Gerais: suas variações míticas, rituais e o esquema festivo**. Novos Debates, fórum de debates em antropologia. Volume 1 n° 1, 2014.
- SILVA, Daniel Albergaria Silva. **O ritual da congada e o “estar no rosário”: um estudo etnográfico acerca da festa e das mediações em São João del Rei**. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2009.
- SILVEIRA, Anna Cristina C.; GOMES, Ivair. **Registos socioeconômicos, de mobilidade social, territorial e interocupacional presentes no distrito de Santo Antônio do Rio das Mortes Pequeno, município de São João del-Rei – MG**. In. I Simpósio mineiro de Geografia, Alfenas, 2014.
- SODRÉ, Muniz. **A verdade seduzida: por um conceito de cultura no Brasil**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988.
- SOUZA, Marcelo José Lopes. O território: sobre espaço, poder, autonomia e desenvolvimento. In: Castro et al. (orgs.) **Geografia: Conceitos e Temas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. 2000.
- SOUZA, Marina de Mello e. **Reis negros no Brasil escravista: história da festa de coroação de Rei Congo**. Belo Horizonte: UFMG, 2002.
- SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. **Introdução**. In: SAQUET, Marcos Aurélio; SPOSITO, Eliseu Savério. (Org.) **Território e Territorialidades: teorias, processos e conflitos**. 1ª ed. São Paulo: Expressão Popular, 2009.
- TUAN, Y. -F. **Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência**. São Paulo: DIFEL, 1983.